

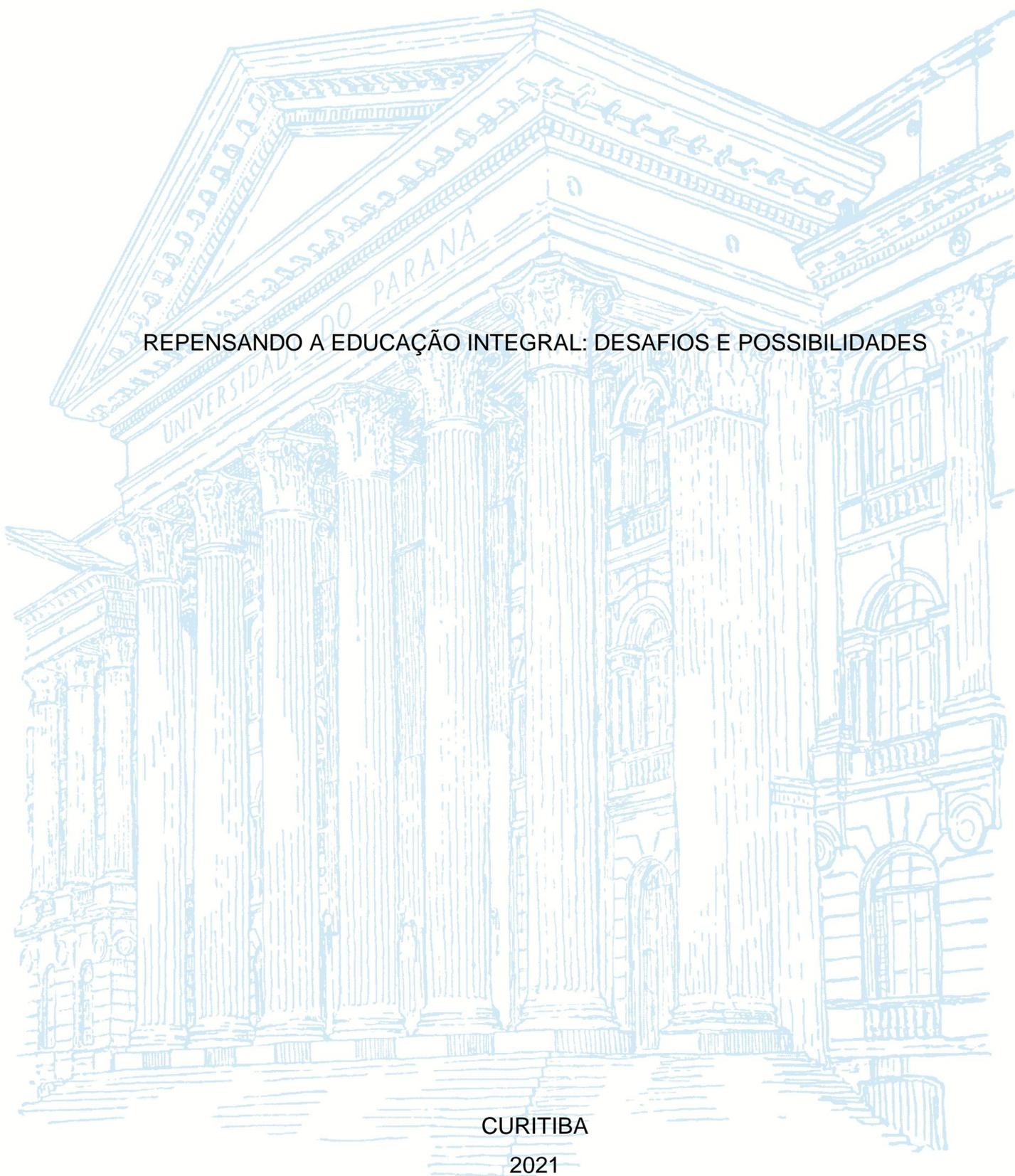
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LIANA BOLLBUCK

REPENSANDO A EDUCAÇÃO INTEGRAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

CURITIBA

2021



LIANA BOLLBUCK

REPENSANDO A EDUCAÇÃO INTEGRAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Stoltz

CURITIBA

2021

Dedico este trabalho aos alunos de todas as instituições de ensino, de quaisquer idades. A todos nós, todo e qualquer ser humano. Que possamos aprender e crescer sempre, em cada circunstância de nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Profa. Dra. Tânia Stoltz, que me inspirou, e principalmente orientou, com toda a atenção, paciência e profissionalismo.

Agradeço ao meu marido, meu irmão, minha mãe e meu pai; meus queridos, que iluminam a minha vida todos os dias.

Às minhas colegas de classe, que tornaram esta jornada mais leve e me permitiram aprender muitas coisas.

Às professoras que dedicaram seu tempo para responder à entrevista, me ajudando a desenvolver este trabalho.

A todos os professores e profissionais técnicos do curso de Pedagogia da UFPR.

A Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade diária que nos concede de nos tornarmos seres humanos melhores a cada dia.

É urgente que o ensino, entre outras coisas, desenvolva a emoção, porque o intelecto não é tudo. Se faz necessário aprender a sentir as íntimas harmonias da vida, a beleza da árvore solitária, o canto dos pássaros no bosque, a sinfonia de música e cores de um belo pôr de sol. É também necessário sentir e compreender profundamente todos os terríveis contrastes da vida [...]. (WEOR, 1996, p.114).

RESUMO

A Educação Integral é citada no Projeto Político Pedagógico de diferentes instituições de ensino, especialmente quando apontam a preocupação com o desenvolvimento integral de seus alunos não apenas nos aspectos físico e intelectual, mas também ao considerar, entre outros, fatores emocionais e psicológicos. O trabalho tem o intuito de verificar os desafios e as possibilidades de trabalhar com a educação integral na Educação Básica na atualidade. Como objetivos específicos propõe: reconhecer diferentes concepções de educação integral na Educação Básica; verificar propostas que visam promover a educação integral na Educação Básica a partir de revisão integrativa; identificar dificuldades em promover a educação integral no Ensino Fundamental e Médio. No sentido de atender aos objetivos, analisou-se a produção científica dos últimos cinco anos sobre educação integral. A partir de pesquisa qualitativa e exploratória foram entrevistadas online cinco professoras de escolas públicas e privadas de Educação Básica sobre aspectos envolvendo a educação integral. Conclui-se que a possibilidade da educação integral no enfrentamento dos desafios que se impõe na sociedade contemporânea depende da coerência e articulação de uma proposta integradora e humana, a partir de um projeto coletivo e interdisciplinar, com metodologia que considere de maneira crítica e duradoura aspectos cognitivos e afetivos, ambientais, sociais e culturais mais amplos em sua proposição.

Palavras-chave: Educação integral. Desenvolvimento integral. Integrative education. Integral education.

ABSTRACT

Integral Education is mentioned in the Pedagogical Political Project of different educational institutions, especially when they point out the concern with the integral development of their students not only in the physical and intellectual aspects, but also when considering, among others, emotional and psychological factors. The work aims to verify the challenges and possibilities of working with comprehensive education in Basic Education today. As specific objectives it proposes: to recognize different conceptions of integral education in Basic Education; verify proposals that aim to promote comprehensive education in Basic Education from an integrative review; identify difficulties in promoting comprehensive education in elementary and high school. In order to meet the objectives, the scientific production of the last five years on integral education was analyzed. Based on qualitative and exploratory research, five teachers from public and private schools of Basic Education were interviewed online about aspects involving integral education. It is concluded that the possibility of integral education in facing the challenges that are imposed in contemporary society depends on the coherence and articulation of an integrative and human proposal, with a methodology that considers in a critical and lasting way cognitive and affective, environmental, social and cultural broader in their proposition.

Keywords: Comprehensive education. Integral development. Integrative education. Integral education.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CARACTERÍSTICAS DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS ...27

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – QUANTIDADE DE ARTIGOS OBTIDOS CONFORME O TEMA ABORDADO	17
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ANA	- Avaliação Nacional de Alfabetização
ENADE	- Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENEM	- Exame Nacional do Ensino Médio
OECD	- Organization <i>for Economic Co-Operation and Development</i>
SAEB	- Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SRL	- <i>Self-Regulated Learning</i>
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DEFININDO O TERMO EDUCAÇÃO INTEGRAL	13
3	EXPLORANDO ALGUMAS PROPOSTAS	15
4	MATERIAIS E MÉTODOS	26
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	46
	APÊNDICE B – ENTREVISTA: PROFESSOR A.....	47
	APÊNDICE C – ENTREVISTA: PROFESSOR B.....	60
	APÊNDICE D – ENTREVISTA: PROFESSOR C.....	63
	APÊNDICE E – ENTREVISTA: PROFESSOR D.....	66
	APÊNDICE F – ENTREVISTA: PROFESSOR E	69
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	84

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, o papel da educação consiste em

[...] dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de fato, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades. (UNESCO, 1996, p. 82).

Seguindo essa linha de pensamento, este trabalho procura evidenciar alternativas de trabalho que promovem o desenvolvimento integral do aluno da Educação Básica para que se torne um sujeito pleno, capaz de desenvolver e aplicar suas habilidades cotidianamente, contribuindo para o seu constante desenvolvimento pessoal, assim como para com a sociedade da qual faz parte.

O trabalho tem, por objetivo geral, verificar quais são os desafios e as possibilidades de trabalhar com a educação integral na Educação Básica na atualidade. Os objetivos específicos são:

1. Reconhecer as diferentes concepções de educação integral na Educação Básica;
2. Verificar propostas que visam promover a educação integral na Educação Básica a partir de revisão integrativa;
3. Identificar dificuldades em promover a educação integral dos alunos do Ensino Fundamental e Médio.

A título de introdução, alguns exemplos de iniciativas que visam o desenvolvimento integral do aluno são: interdisciplinaridade; transdisciplinaridade; aplicação e desenvolvimento de projetos; investigação, especialmente na disciplina de ciências; disciplinas de formação humana; ensino híbrido (temas abordados presencialmente e também online); sustentabilidade; educação ambiental; pedagogia colaborativa; educação integrativa; *Self-Regulated Learning* (SRL); *mindfulness*; educação ética; artes/literatura; educação física; pedagogia da alternância na educação no campo; ecologia; ampliação do tempo; valorização do brincar e do recreio (MEURER, 2016). Outros fatores, como bem-estar, movimento e habilidade imaginativa, são considerados na atualidade como promotores da educação integral,

o que significa, segundo Andreopoulou e Moustakas (2019), focar não apenas a produção curricular acadêmica, mas também criar e manter uma cultura e um ambiente de aprendizado que melhorem o desenvolvimento global e o bem-estar do indivíduo (cognitivo, emocional, social, físico e cultural) (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD), 2007 apud ANDREOPOULOU; MOUSTAKAS, 2019, p. 25).

Neste trabalho nos aproximamos de alguns desses aspectos, verificando de que forma eles contribuem para aperfeiçoar a formação dos estudantes. Para organizar a discussão, o estudo foi dividido em cinco tópicos: definição do termo educação integral; propostas que visam promover a educação integral na Educação Básica; apresentação da metodologia para análise dos dados obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com profissionais de educação atuantes na Educação Básica; discussão dos desafios e possibilidades em promover a educação integral a partir dos dados obtidos; e, por fim, as considerações finais.

2 DEFININDO O TERMO EDUCAÇÃO INTEGRAL

A educação integral é um tema amplamente discutido no Brasil, em especial, a partir da década de 1990. Sua essência, porém, evoca princípios nada recentes, como a ideia da *paideia* grega. Não se pretende, neste estudo, fazer uma revisão completa de todos os preceitos que permeiam a temática, desde a Grécia Clássica, aos autores à época do Iluminismo como Froebel, Rousseau e Pestalozzi e as produções contemporâneas, e sim refletir quanto às concepções relacionadas a esse processo educativo e os desafios e possibilidades para que este se faça efetivamente presente no cotidiano escolar na atualidade.

Diferentes autores discutiram a educação integral, especialmente no que concerne à ampliação do tempo de permanência na escola. Conforme Parente (2018):

Na década de 1950, pode-se citar a criação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador, na Bahia, composto arquitetonicamente por Escolas-Classe e Escola-Parque (Éboli, 1983; Nunes, 2009). Na década de 1980, é possível citar os CIEPs (Cavaliere; Coelho, 2003); na década de 1990, os CAICs (Amaral Sobrinho; Parente, 1995). Mais recentemente, é possível enumerar uma série de políticas desenvolvidas por estados ou municípios brasileiros, entre elas: Projeto Escola de Tempo Integral, no estado de São Paulo, criado em 2005 (Cação, 2017); Programa Bairro-Escola, em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro e Escola Integrada, em Belo Horizonte, Minas Gerais, ambos criados em 2006 (Moll, 2012). (PARENTE, 2018, p. 423).

Autores como Coelho (2009, 2012), Cavaliere (2009), Gadotti (2009) e Gatti (2009) buscam elucidar a diferença existente entre educação integral e educação em tempo integral, afirmando que para garantir a formação do aluno não basta apenas ampliar o tempo de permanência deste na instituição escolar. Coelho (2009) ressalta:

[...] referimo-nos ao trabalho pedagógico que mescla atividades educativas diversas, por exemplo, e que, ao fazê-lo, contribui para com a implantação de uma formação mais completa e integrada, não fragmentada. (COELHO, 2009, p. 94).

Aspectos como democracia (DEWEY, 2011), educação emancipadora e para a liberdade (FREIRE, 1987) e qualidade do tempo dedicado ao ensino (ARROYO, 2004) são outros fatores que envolvem a definição mais completa do tema. Adicionalmente, Parente (2018) indica que o Programa Mais Educação:

[...] materializou uma tomada de decisão, a escolha de uma alternativa, a formulação de uma política: subsidiar escolas públicas de recursos financeiros e pedagógicos, de modo a possibilitar a ampliação de oportunidades educativas e induzir a ampliação da jornada escolar. Nas outras esferas (estaduais, distrital e municipais), a tomada de decisão em relação à ampliação da jornada escolar vem ocorrendo de várias formas, com ou sem o Programa Mais Educação, de forma articulada ou não a ele. A exemplificação é importante, inclusive para mostrar como as alternativas podem ser concorrentes ou colaborativas. (PARENTE, 2018, p. 424).

Portanto, o principal aspecto que este estudo considera, ao se referir ao termo educação integral, é o que corresponde à visão do ser humano integralmente, abrangendo não apenas o cognitivo, mas o social, psicomotor, emocional, entre outros, o que requer atenção à

[...] formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. (BRASIL, 2018, p. 14).

Como ressaltam Belmonte et al. (2019), trata-se de despertar nos alunos a criatividade, a inovação, a autonomia e a busca de oportunidades. Para alcançar esse objetivo, ações voltadas à educação para a sustentabilidade, modelos interdisciplinares, atenção ao movimento e atividades de educação física, projetos de investigação e formação humana são propostos, com o intuito de abranger todas as questões inerentes ao ser humano para que este receba uma educação holística que contemple todas as suas particularidades. Independentemente da modalidade a que se dirigem, as propostas se direcionam, em certa medida, para um caminho em comum: novos objetivos de aprendizagem que requerem o rompimento de certas estruturas da educação que são profundamente enraizadas, iniciadas há mais de cem anos (portanto, ultrapassadas), e que ainda estão muito arraigadas na prática educacional atual (HOWARD et al., 2019).

3 EXPLORANDO ALGUMAS PROPOSTAS

Uma revisão integrativa foi realizada com o intuito de verificar a produção científica atual a respeito do tema educação integral. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática, pois reúne as pesquisas disponíveis sobre determinada temática e direciona a prática fundamentando-se em conhecimento científico (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010, p. 102).

A revisão integrativa seguiu os passos propostos por Whitemore e Knafelz (2005). A questão que norteou a busca foi: quais são as propostas de educação integral na Educação Básica na atualidade? A busca foi realizada nas bases Web of Science, Scopus e ERIC e foram selecionados os artigos com publicação entre 2016 a 2020, nos idiomas: português, inglês e espanhol. Os descritores utilizados para a pesquisa foram “educação integral”, “integrative education” e “integral education”, considerando apenas os artigos com o texto completo disponível para acesso. Os critérios de inclusão dos artigos foram: artigos publicados entre 2016 e 2020; artigos completos nos idiomas português, inglês e espanhol e artigos que tratam do tema educação integral. Como critérios de exclusão, considerou-se: artigos anteriores a 2016; artigos em outras línguas, que não português, espanhol e inglês; artigos que não apresentam uma discussão envolvendo educação integral.

Na base de dados Web of Science, para o descritor “educação integral” foram selecionados os filtros “todos os campos”, “acesso aberto”, “education educational research” e “tipos de documento: article”, totalizando 75 artigos. Foram excluídos 40 artigos, dentre os quais 18 voltavam-se para a Educação Superior, cinco artigos cujos textos integrais não estavam disponíveis e 12 que estavam fora do contexto da pesquisa, abordando temas como formação de professores e cursos técnico/profissionalizante (cinco artigos), ensino de luteria para aprender música (um artigo), *bullying* (um artigo), currículo integrado para a EJA (dois artigos), metodologias para aprender um novo idioma (um artigo) e tecnologias/sustentabilidade (dois artigos). Desse modo, foram selecionados 40 artigos para análise.

Para o descritor “integrative education” os filtros aplicados foram “acesso aberto”, “education educational research” e “article”. A busca resultou em 16 artigos,

dos quais 6 estão relacionados à temática pesquisada; os outros dez artigos foram excluídos pois faziam referência à educação superior, ensino religioso ou tecnologia.

Na base ERIC foram utilizados os descritores “educação integral”, o qual não apontou nenhum resultado, e “integral education”, que resultou na identificação de oito artigos. Para “educação integral” os filtros utilizados foram “full text available on ERIC”, “last 5 years”, “teaching methods”, “journal articles” e “elementary education”. Dentre os artigos identificados, apenas dois se enquadraram no perfil da pesquisa; foram excluídos os artigos que apresentavam temas como tecnologia para o ensino (dois artigos), conhecimento de diferentes culturas pela literatura (um artigo), aprendizado de fonemas por meio da literatura (um artigo), habilidades necessárias ao professor de um segundo idioma (um artigo) e ensino de escrita para alunos surdos (um artigo). Para o descritor “integrative education” os filtros foram “full text available on ERIC”, “last 5 years”, “descriptor: teaching methods”, “publication type: journal articles” e “education level: elementary school, middle school e high school”, resultando na identificação de cinco artigos.

Por fim, na base Scopus, os filtros aplicados foram “open access”, “year: 2016 a 2021”, “subject area: social sciences, environmental science, arts and humanities; psychology; neuroscience”, “document type: article” e “publication stage: final”. Para a busca do descritor “integrative education”, o campo “keyword” apresentou os termos: “education”, “holistic approach”, “learning”, “21st century learning”, “academic achievement”, “active methodologies”, “belongingness”, “building”, “China” e “citizenship”. A busca resultou na identificação de quatro artigos. A busca pelo descritor “integral education” aplicou os mesmos filtros e resultou na identificação de 38 artigos. O campo “keyword” apresentou os seguintes termos: “education” (oito artigos), “integral education” (seis artigos), “early childhood education” (cinco artigos), “full-time education” (cinco artigos), “learning” (cinco artigos), “primary education” (quatro artigos), “school” (quatro artigos), “teachers” (três artigos), “entrepreneurship” (dois artigos) e “extended school day” (dois artigos).

Nas três bases, o principal critério de exclusão se referiu a artigos cujo texto integral - em português, inglês ou espanhol – não estivesse disponível. Assim, foram selecionados 81 dentre os 93 artigos identificados inicialmente.

A próxima etapa consistiu na leitura na íntegra dos 81 artigos, o que resultou na exclusão de 23 artigos, por tratarem de temas outros (15), apesar de citar a

educação integral em seu resumo ou título; por tratar de temáticas correspondentes ao ensino superior (3) ou à educação infantil (4), totalizando 59 artigos.

A TABELA 1 a seguir apresenta uma síntese dos artigos selecionados, organizados conforme seus respectivos temas:

TABELA 1 – QUANTIDADE DE ARTIGOS OBTIDOS CONFORME O TEMA ABORDADO

Proposta	Quantidade de artigos
Contraturno / Extracurricular	5
Programa Mais Educação	6
Empreendedorismo	2
Ensino de Ciências	2
Ensino Híbrido	1
Formação Humana	2
Inclusão	2
Integrative Education	2
Jogo	1
Living School	1
Livre Expressão	1
Maker Pedagogy	1
Meio Ambiente / Sustentabilidade	3
Movimento / Educação física	10
Participação dos pais	1
Pedagogia da Alternância	2
Politecnia	1
Self-Regulated Learning	1
Tempo Integral	13

FONTE: Bollbuck e Stoltz (2021).

Quanto à categoria contraturno/extracurricular, diferentes autores apontam a atual organização escolar tradicional como aquela “que coloca o conhecimento em categorias artificiais, sem fornecer ligações conceituais entre elas, ou seja, sem integrá-las, não sendo mais vista como uma alternativa adequada para a construção unificada do conhecimento” (BLAGOEVA, 2019, p. 2). Para superar essa condição, Blagoeva (2019) sugere trabalhar com a arte contemporânea (artes visuais) no período de contraturno como alternativa; para o autor, a atividade se desenvolve em sala seguindo alguns preceitos relacionados ao socioconstrutivismo: ênfase na exploração de novas combinações e inovações, permitindo a “construção do conhecimento por meio de experiências, colaboração e interações ativas entre pessoas” (BLAGOEVA, 2019, p. 5).

Na mesma linha, Antovska e Kostov (2016) apontam as atividades extracurriculares como possibilidade de melhorar a formação dos estudantes, com a proximidade de relação entre alunos e professores e a inclusão de atividades como

esportes, teatro e jardinagem (ANTOVSKA; KOSTOV, 2016, p. 50) para ocupar o tempo livre e contribuir para a autoformação do público escolar. Os autores justificam essas medidas ao se basearem na conexão existente entre “atividade física, fisiologia cerebral, cognição, emoção e desempenho acadêmico entre crianças” (ANTOVSKA; KOSTOV, 2016, p. 51). Ainda no campo da arte, Barros et al. (2019) afirmam que:

[...] o teatro no âmbito escolar, apesar de ser um elemento pouco estudado no campo acadêmico, é considerada uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento humano ampliando a percepção e sensação do universo artístico e cultural elevando qualitativamente a capacidade de apreciação estética, além de possibilitar compreender a realidade social na qual o sujeito está inserido. Assim, é essencial se pensar na relação entre o teatro e a educação no sentido de buscar formas que auxiliem no desenvolvimento da criança. (BARROS et al., 2019, p. 1209).

Adicionalmente, apontam que com o teatro, os alunos “aprendem a improvisar, desenvolver a oralidade, a expressão corporal, o emocional, a sociabilidade, a coletividade, desenvolvem habilidades de pesquisa, leitura, autoconfiança, organização do pensamento” (BARROS et al., 2019, p. 1210).

Para Rodrigues et al. (2019), ao apresentar um paralelo entre a educação brasileira e a portuguesa, desenvolver a educação integral envolve todo o entorno da escola, remetendo ao conceito de Cidade Educadora (1990) e da ocupação do tempo livre dos estudantes com práticas relacionadas à educação não formal, que pode ser desenvolvida para além dos limites da escola.

Por fim, dentre os artigos que debatem alternativas extracurriculares e de contraturno, apontamos o que apresenta um debate entre Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Nele, Souza (2016) afirma que Anísio Teixeira tinha a compreensão de que a escola deveria ser o espaço destinado à formação universal do indivíduo vinculado à própria vida, e não a mera preparação para a vida. Nesse sentido, o projeto e a construção escolar deveriam obedecer ao princípio da dignidade, a mesma dignidade da vida, um direito a ser assegurado a todos pela democracia (SOUZA, 2016, p. 29). Assim, a proposta de educação integral se mesclava com o tempo estendido:

Os alunos permaneciam 4 horas na escola, desenvolvendo estudos escolares através das disciplinas: linguagem, aritmética, ciências e estudos sociais. Após os alunos passarem a manhã na escola-classe, encaminhavam-se para a Escola Parque [...] onde estavam distribuídas as atividades sociais e artísticas, as de iniciação ao trabalho e educação física. (SOUZA, 2016, p. 33).

A respeito do Programa Mais Educação, Carvalho, Ramalho e Santos (2019) afirmam que este “prevê a ampliação da jornada escolar para no mínimo sete horas diárias, com atividades optativas desenvolvidas no contraturno escolar, conforme os macrocampos que contemplam diferentes áreas de formação e linguagens” (CARVALHO; RAMALHO; SANTOS, 2019, p. 8). Vale salientar a importância de voltar o olhar para a qualidade: do tempo de permanência na escola e das atividades oferecidas, sendo que as últimas, devem estar alinhadas com a realidade da comunidade escolar. Nesse sentido, para Justino e Sant’Anna (2017), “é necessário considerar que não basta dilatar o tempo de permanência na escola, sem reelaborar os significados dos espaços e dos saberes, como também do próprio tempo” (JUSTINO; SANT’ANNA, 2017, p. 402, 406).

Adicionalmente, Schimonek e Adrião (2018) apontam que “a educação em tempo integral poderá favorecer a diminuição das desigualdades educacionais, desde que formulada e estruturada com recursos suficientes para alterar as condições de oferta da educação tal como se encontra” (p. 241). Silva e Colares (2020) colocam a importância do planejamento coletivo, a formação continuada dos professores e especialmente, a perfeita compreensão do que o termo educação integral significa, pois “para ter uma concepção de educação integral, faz-se necessário distinguir algumas denominações, que por pertencerem ao mesmo campo semântico, por vezes podem ser tomadas como sinônimas” (p. 384).

Na abordagem relacionada ao empreendedorismo, Albuquerque, Ferreira e Brites (2016) apresentam um trabalho desenvolvido pelo Tree Institute – Associação para o Desenvolvimento Económico, Social e Humano, de Lisboa, Portugal e ressaltam que nesta proposta, a “questão do trabalho cooperativo, em grupo, adquire uma dimensão estratégica e crítica na educação” (p. 1046) diferentemente do caráter individualista comumente atribuído ao termo; o que significa, portanto, que sua essência se encontra também na educação para a cidadania, na qual:

[...] valoriza-se em primeira instância a educação para uma atitude mais proativa, confiante e cooperativa diante das possibilidades e limitações, pessoais e contextuais, para uma percepção mais positiva sobre o *self* e mais crítica e alternativa sobre as políticas e as dimensões ou prioridades essenciais do desenvolvimento. (ALBUQUERQUE; FERREIRA; BRITES, 2016, p. 1037).

Os autores detalham a proposta:

Constitui-se como um modelo holístico aberto de educação para o empreendedorismo de base cooperativa, relacionando a pessoa, suas motivações, suas habilidades para empreender e o seu meio ambiente (escola, grupos, trabalho, comunidade). O modelo é concebido figurativamente como uma árvore. A raiz é a base na qual são promovidos os comportamentos e as competências básicas. O tronco corresponde às estratégias de desenvolvimento de competências, assegurado por processos de ação e experienciais em projetos que agregam motivações pessoais, interesses e/ou necessidades. Os ramos correspondem à orientação desses projetos para realizações concretas e mobilização ativa das competências. Finalmente, os frutos são os resultados ou produtos dos projetos. (ALBUQUERQUE; FERREIRA; BRITES, 2016, p. 1042-1043).

Belmonte et al. (2019) aproximam-se desses autores ao afirmar que na educação para o empreendedorismo se faz necessário “o uso de metodologias ativas para obter melhores resultados, sendo os discentes os protagonistas, através de um rol ativo e participativo” (BELMONTE et al., 2019, p. 323). Os autores comentam também a importância da utilização da tecnologia ao trabalhar com os estudantes, tecnologia esta que para Marcon, Silva e Erthal (2020), requer “uma mudança na educação, em que outros letramentos se fazem necessários, como o letramento digital, o letramento emocional, letramentos culturais, enfim, uma multiplicidade de letramentos que desafiam a escola a se reinventar” (p. 91). No artigo, os autores apresentam a experiência de uma escola do Rio Grande do Sul que aplicou metodologias ativas com o apoio do ensino híbrido - o *blended learning* - com alunos do sexto ao nono ano e do Ensino Médio, para incentivá-los a participar ativamente dos estudos propostos em sala de aula ao mesmo tempo em que podiam interagir entre si pessoal e digitalmente.

Ainda focando no protagonismo estudantil, Novotny (2019) faz um paralelo entre interdisciplinaridade e a ideia de *makerspaces*, definindo a ideia da *Maker Pedagogy* (pedagogia ativa): “atividades de ensino que são interdisciplinares, imersivas, integrativas, multi-idades, colaborativas e baseadas em projetos. A *Maker Pedagogy* implica em alunos que estejam ativos, em movimento e fazendo, não memorizando” (p. 46). Ainda na linha da educação para a cidadania, ações relacionadas à sustentabilidade e meio ambiente convidam a refletir a respeito do que é necessário para a educação deste século. Para Agirreazkuenaga (2020), “metodologias como aprendizagem ao ar livre, aprendizagem experimental, ensino por projetos e pedagogias ativas” (p. 9) direcionam para um programa educacional mais integrativo. Semelhantemente, Ferreras-Listán et al. (2019) analisam propostas de ensino para crianças pequenas na região de Andaluzia relacionadas ao meio

ambiente, sustentabilidade e valorização da herança cultural, enquanto Pereira et al. (2017) discorrem a respeito de uma experiência com horta comunitária.

Em convergência com essas propostas, Howard et al. (2019) apresentam as escolas vivas (*living schools*) nas quais, dentre outras atividades, são desenvolvidos jardins verticais nas salas de aula, as quais não possuem as tradicionais carteiras/mesas para estudantes e sim “mesas de diferentes formatos e dimensões, que criam uma sensação dinâmica” (HOWARD et al., 2019, p. 5).

Outro aspecto que visa a formação integral dos alunos são as propostas voltadas à formação humana:

As práticas pedagógicas, logo, devem expressar uma compreensão de formação humana que tenha como foco a transformação/superação do higienismo e mero cuidar, para erguer uma educação que oportunize à criança aprendizagem e desenvolvimento mediante acúmulo e apropriação da cultura humana. (CUNHA; CUNHA; FERREIRA, 2020, p. 17).

De acordo com essa concepção, Vesa, Salla e Arto (2019) ressaltam a importância de considerar as diferentes concepções e formas de ver o mundo de cada aluno, respeitando também a religião de cada um. Nesse sentido, Subero e Esteban-Guitart (2020) afirmam que “a aprendizagem que reconhece as experiências de vida dos alunos fora da escola e as transmite para a instituição escolar, muitas vezes tem sido ignorada, não reconhecida ou mesmo proibida” (p. 217); para os autores, o reconhecimento dessas características individuais é justamente o estímulo para que o aluno cresça no aspecto formativo. Para Varani, Campos e Rossin (2019), “no campo da alfabetização, compor a formação humana na escola é reconhecer que ler não consiste em decodificar signos. Ser alfabetizado é ler o mundo, é se colocar em suas múltiplas dimensões [...] é se perceber autor” (p. 188).

Uma alternativa citada com certa frequência como meio para proporcionar a educação integral é o trabalho com a disciplina de ciências que, para Melo, Adams e Nunes (2020), é “de grande importância para o desenvolvimento do aluno, principalmente como sujeito, uma vez que com os conhecimentos científicos construídos os mesmos podem ser capazes de atuar em sua realidade de forma crítica e ativa” (p. 18). Segundo os autores,

O processo de ensino e aprendizagem das Ciências Naturais deve se propor e formar o aluno para uma atitude positiva em relação às mudanças e de forma reflexiva; levá-lo a pensar, sentir e agir a favor da vida, de modo a descobrir o seu mundo, bem como conhecê-lo para saber valorizar o ambiente que o cerca, capacitando-o a tomar as decisões mais acertadas para com os semelhantes e com a natureza. (MELO; ADAMS; NUNES, 2020, p. 11).

Colorado-Aguilar e Morales-Gonzáles (2018) vão além, indicando a importância de considerar os pressupostos da disciplina também na atuação docente:

[...] espera-se do professor não apenas o domínio disciplinar e pedagógico, como também o desenvolvimento da capacidade de aprender a aprender, o desenho de ambientes de aprendizagem efetivos e inclusivos, o desenvolvimento de projetos educativos com uma visão integradora, o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação (TIC) para a criação de ambientes de aprendizagem que apoiem o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. (COLORADO-AGUILAR; MORALES-GONZÁLEZ, 2018, p. 998).

Para autores como Duque e Vásquez (2020), é fundamental que as escolas sejam também inclusivas:

Neste sentido, torna-se fundamental a identificação e a avaliação das necessidades educativas numa tônica qualitativa, centrada na caracterização funcional dos alunos e não nos seus défices; percebendo aquilo que os alunos são capazes e quais as respostas de que necessitam. (DUQUE; VÁSQUEZ, 2020, p. 40).

De acordo com esse entendimento, segundo Paschoal (2019), “constata-se que a função principal dessas instituições é a promoção do desenvolvimento pleno da criança, por meio do trabalho pedagógico que integra os cuidados, a educação, as brincadeiras e a inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais” (p. 667).

Há também a denominada pedagogia integrativa, que reúne quatro componentes básicos: conhecimento teórico, conhecimento prático, conhecimento autorregulativo (*self-regulated learning*) e conhecimento sociocultural (TYNJÄLÄÄ et al., 2016). Trata-se da integração entre teoria e prática e dos instrumentos aplicados para esse fim. Segundo Orozco, Gijbels e Timmerman (2019):

Na escola, a atividade do aluno envolve mais do que apenas ouvir. As aulas são interativas, os alunos fazem apresentações entre si e há atividades de laboratório [...] a aprendizagem ocorre tanto, senão mais, por meio da observação diária e participação (periférica) nas tarefas das equipes. (OROZCO; GIJBELS; TIMMERMAN, 2019, p. 416).

Dessa forma, os autores caracterizam a pedagogia integrativa não apenas como uma abordagem gradual para o conteúdo ou como um reflexo de uma estratégia instrucional, mas como um processo de desenvolvimento (OROZCO; GIJBELS; TIMMERMAN, 2019). O *self-regulated learning* (conhecimento autorregulativo) consiste em um método a partir do qual os alunos, geralmente com a contribuição dos professores, acompanham seu próprio progresso de desenvolvimento e aprendizagem, verificando quais objetivos precisam cumprir e quais habilidades são necessárias para tal. Alvi e Gillies (2020) explicam que esse método

[...] envolve vários domínios (por exemplo, comportamental, cognitivo e metacognitivo) que precisam ser ativados, não como entidades separadas, mas em conjunto uns com os outros. Por exemplo, alunos autorregulados mantêm o foco em atividades direcionadas a metas e utilizam estratégias relacionadas às tarefas, em fases cíclicas. (ALVI; GILLIES, 2020, p. 1).

Na Educação do Campo, a pedagogia da alternância é apontada por autores como Costa et al. (2019) e Gerke e Santos (2019) como uma forma de desenvolver e aplicar a educação integral. Para os autores, a

[...] formação por alternância se produz nas interfaces de seus objetivos (formação integral e desenvolvimento sustentável) e em seus meios (alternância enquanto pressuposto teórico-prático-metodológico), assim como na associação dos camponeses como protagonistas dos processos. (GERKE; SANTOS, 2019, p. 8).

Outras metodologias, citadas em menor número na pesquisa, elencam como recursos para aperfeiçoar as habilidades e o aprendizado dos alunos: a contribuição dos pais (WILSON; GROSS, 2018); a livre expressão de Freinet (SCARPATO, 2017); a politecnia (MACIEL; JACOMELI; BRASILEIRO, 2017) e o jogo e a brincadeira (ANDREOPOULOU; MOUSTAKAS, 2019). Em maior número de artigos publicados está a produção científica relacionada ao movimento, especialmente com a disciplina de educação física (MAVILIDI et al., 2018; PADIAL-RUZ et al., 2019; PRIETO; HERRERO, 2021) e a educação em tempo integral (ABREU; BERNARDO, 2016).

O desenvolvimento das habilidades motoras é uma atividade fundamental para o desenvolvimento global, visto que a criança se encontra em movimento contínuo (PRIETO; HERRERO, 2021). Nesse sentido, Padial-Ruz et al. (2019) indicam a dança flamenca para o desenvolvimento motor e emocional em uma escola de Granada, na Espanha, ressaltando a possibilidade de “autoconhecimento e autonomia pessoal. Nesta área do conhecimento, é criada a identidade dos alunos e a sua autonomia pessoal por meio da interação com o meio social, físico e cultural” (PADIAL-RUZ et al., 2019, p. 397).

No contexto escolar, a aula de educação física é a oportunidade de proporcionar aos alunos o contato com o movimento, dança e esportes:

[...] a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. (BRASIL, 2018, p. 213).

Em relação à atividade e à educação física na escola, Mavilidi et al. (2018) ponderam:

Apesar da significativa amostragem de pesquisas relacionadas à cognição tenha mostrado de forma convincente a relação integral do corpo e da mente humanos, nas escolas a atividade física e a atividade cognitiva são tipicamente tratadas como processos não relacionados. Conseqüentemente, a maioria das atividades físicas aplicadas não são suficientemente relevantes nem totalmente integradas às tarefas de aprendizado. (MAVILIDI et al., 2018, p. 1).

A proposta dos autores para superar essa condição é a aplicação de atividades e movimentos físicos que contribuam para a compreensão e aprendizagem dos estudantes (MAVILIDI et al., 2018).

A respeito da permanência na escola, defende-se que a ampliação do tempo na instituição escolar funciona como instrumento de amparo a questões sociais e de melhoria da qualidade da educação. Nesse sentido, ampliar o tempo dos discentes sob responsabilidade da escola é fundamental na busca por equidade e maior qualidade na educação brasileira (BERNARDO, 2020). Abreu e Bernardo (2016) afirmam que “neste pensar, de educação integral, a proposta de ampliação da jornada

escolar vem enfatizando a possibilidade de novas oportunidades e construções de aprendizagem dos alunos” (p. 7).

Por outro lado, ao analisar os artigos 2, 34 e 87 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que versam a respeito do pleno desenvolvimento dos estudantes e da implantação de um ensino fundamental que seja ministrado em tempo integral, as autoras destacam

[...] a ausência da determinação sobre educação integral e ampliação do tempo integral para todos os segmentos da educação básica, sendo mencionada exclusivamente, o ensino fundamental. Ressaltamos também, que a referida Lei, não deixa claro, a relação entre ampliação da jornada escolar e a educação integral. (ABREU; BERNARDO, 2016, p. 8).

Finalmente, citam as experiências extracurriculares, sobre as quais se posicionam da seguinte forma:

Na perspectiva contemporânea, educação integral, amplia a integração entre os espaços formais de ensino e o território, sugerindo uma abertura de possibilidades para as crianças e jovens. Vale ressaltar, que as parcerias quando estabelecidas, devem preocupar-se com projetos e ações, oriundas da comunidade escolar dando visibilidade à construção de conhecimentos de todos os envolvidos, bem como, o desenvolvimento físico, psíquico e emocional. (ABREU; BERNARDO, 2016, p. 9).

Independente da alternativa escolhida e ações a serem tomadas, Abreu e Bernardo (2016) ressaltam que, para a

[...] perenidade desses programas, devemos repudiar improvisos e promoções de nomes e siglas partidárias, adotando uma política de Estado para o tema da educação que tenha estrutura suficiente para enfrentar as oscilações políticas, econômicas e sociais e refletindo sobre as possíveis discontinuidades de seu planejamento e implementação nas escolas. [...] Acreditamos em soluções políticas e pedagógicas que emancipem os indivíduos em uma perspectiva de formação holística, integral e inclusiva. (ABREU; BERNARDO, 2016, p. 18).

Desse modo, apesar dos apontamentos de que apenas a ampliação do tempo de permanência na instituição de ensino não é suficiente, o alto volume de artigos publicados com a temática de escolas de dia todo ou referindo-se a atividades no contraturno indica a confusão que ainda paira sobre a educação integral.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Este é um estudo de caráter qualitativo exploratório que se estruturou a partir do embasamento teórico aliado a entrevistas semiestruturadas com professores. O caráter exploratório se revela na identificação dos pontos de análise durante a investigação do material teórico obtido – e, antes mesmo disso, ao longo da formação no curso de Pedagogia. A pesquisa envolve temas abordados em sala de aula, como a necessidade de formação e de renovação constante por parte do professor em contraponto aos altos índices de abandono e evasão escolar, bem como os Projetos Político-Pedagógicos das instituições de ensino nas quais realizou-se estágio, confrontados com a prática cotidiana do professor em sala de aula. Cada um desses temas proporciona a reflexão sobre o quanto a escola de fato contribui para a formação e o desenvolvimento dos alunos. Segundo Lüdke e André (1986),

Questões ou pontos críticos iniciais podem ter origem no exame da literatura pertinente, podem ser fruto de observações e depoimentos feitos por especialistas sobre o problema, podem surgir de um contato inicial com a documentação existente e com as pessoas ligadas ao fenômeno estudado ou podem ser derivadas de especulações baseadas na experiência pessoal do pesquisador. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 21).

O estudo iniciou, conforme explanam Lüdke e André (1986, p. 21), “como um plano muito incipiente, que vai se delineando mais claramente à medida que o estudo se desenvolve”. As entrevistas foram um instrumento necessário para possibilitar a aproximação com diferentes profissionais e metodologias de ensino. Optou-se pela entrevista semiestruturada (APÊNDICE A), pois essa modalidade “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LÜDKE; ANDRÉ; 1986, p. 34).

No total, cinco professoras foram entrevistadas: duas atuantes no ensino público, duas no ensino privado e uma em uma escola associativa, de Pedagogia Waldorf. Todas as professoras assinaram, física ou digitalmente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO A). A transcrição de todas as entrevistas é apresentada nos APÊNDICES B a F.

As escolas de ensino público são duas instituições estaduais, uma delas atendendo aos anos iniciais do ensino fundamental e a outra, anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, localizadas em regiões próximas ao centro da cidade

de Curitiba. A escola associativa, também próxima à região central, atende alunos da Educação Infantil aos anos finais do Ensino Fundamental. As instituições particulares trabalham com Educação Infantil até o Ensino Médio e pertencem a redes de ensino, uma delas com unidades no Paraná e em Santa Catarina.

Ao descrever a fala das professoras, os nomes foram substituídos para garantir a confidencialidade das informações. As docentes foram informadas que não precisariam responder a qualquer questão, caso não se sentissem confortáveis. As instituições nas quais as profissionais trabalham foram identificadas ficticiamente por números de 1 a 5, como mostra o QUADRO 1:

QUADRO 1 – CARACTERÍSTICAS DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Participante	Formação	Instituição de ensino	Nível de ensino	Tempo de docência	Instituição
Professora A	Graduação: Ciências Sociais e Geografia; Pós-graduação: Administração escolar; Mestrado em Educação	Privada	Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio	23 anos	Escola 1
Professora B	Graduação: Pedagogia; Pós-graduação: Neuropsicologia, Psicopedagogia, Educação Infantil, Formação em Sociopsicomotricidade, Formação em Pedagogia Waldorf	Privada	Educação Infantil e Ensino Fundamental (1º ano)	30 anos	Escola 2
Professora C	Ensino Médio: Magistério; Graduação: Ciências com complemento em Matemática; Pós-graduação: Ciências e Matemática	Pública	Ensino Fundamental (anos finais - 6º, 7º e 8º)	38 anos	Escola 3
Professora D	Graduação: Matemática; Pós-graduação: Magistério	Pública e privada	Ensino Fundamental (anos finais) e Coordenação dos anos iniciais	18 anos	Escola 4
Professora E	Ensino Médio: Magistério; Graduação: Comunicação Social (Relações Públicas); Artes Cênicas (bacharelado); Letras (Literatura e Língua Portuguesa) e formação em Pedagogia Waldorf	Associativa	Ensino Fundamental	30 anos	Escola 5

FONTE: Bollbuck e Stoltz (2021).

Para análise dos dados obtidos, optou-se por seguir as recomendações de Bogdan e Biklen (1982, apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986):

- 1) Delimitar progressivamente o foco de estudo;
- 2) Formular questões analíticas;
- 3) Aprofundar a revisão de literatura;
- 4) Testar as ideias;
- 5) Fazer uso extensivo de comentários, observações e especulações ao longo da coleta.

Adicionalmente, ao analisar as respostas dos professores às entrevistas, buscou-se verificar em que momento as concepções dos professores convergiam ou divergiam absolutamente.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Autores como Nóvoa (2018) indicam a importância de renovar a escola tal como é concebida atualmente. Novos espaços e metodologias se fazem fundamentais para contribuir de fato à formação do estudante que se encontra nos bancos escolares. Enquanto essa renovação não acontece, há nas instituições muitos professores qualificados que cotidianamente se deparam com as mais diversas situações de limites e possibilidades para contribuir com o desenvolvimento integral de seus alunos.

Há semelhanças entre as concepções de educação integral das professoras entrevistadas no sentido de mencionar o respeito à individualidade e do trabalho abranger o ser humano nos âmbitos cognitivo, afetivo, físico, social e cultural. Uma das professoras fala da necessidade de iniciar pela autoeducação do professor no sentido do desenvolvimento da educação integral. Observa-se que suas falas se aproximam do que é indicado pela literatura (COLORADO-AGUILAR; MORALES-GONZÁLEZ, 2018). Ao responderem à pergunta 1 (“como definiria Educação Integral em suas palavras?”), as definições se aproximam consideravelmente:

[...] esse integral pode ser trabalhado de maneira cidadã, de maneira humana, é, de maneira intelectual. Então ele abrange uma, na criança, uma convivência saudável em sociedade, uma inserção dela nessa sociedade e a intelectualidade dela, ou seja, um ensino baseado em livros, em fatos, a racionalização de conceitos [...] Tem que explorar o máximo possível das habilidades, das competências [...]. (Professora A)

É a educação que se preocupa com a formação do aluno como um ser humano integral, procurando levar em conta os aspectos socioemocionais, cognitivo, físico, cultural e econômico [...]. (Professora B)

Educação integral é a educação num todo, envolvendo não só a sala de aula, mas envolvendo todas as relações do aluno dentro e fora da escola. Seria você trabalhar com todos os conteúdos de maneira interdisciplinar e no período integral dos alunos [...]. (Professora C)

Uma educação que atenda cada um na sua especificidade, na descoberta da aptidão, nos desafios da jornada pela vida, que não são poucos. Do crescimento individual, nas relações sociais, tão precárias nos jovens; na saúde, no potencial de cada ser, o que poderá ser desenvolvido e o que almeja alcançar; enfim um olhar em todos os âmbitos da vida, não somente no intelecto, partindo do indivíduo, com capacidades e dificuldades, do “microsocial”, ao ponto de vista macro, econômico e cultural e que possa ser útil na comunidade em que vive [...]. (Professora D)

[...] a gente que faz um caminho de educação integral conosco primeiro. Se eu quero que os meus alunos possam vivenciar todas as suas habilidades, eu também preciso me autoeducar e potencializar aquilo de ser humano que existe em mim, em vários âmbitos, principalmente em três deles: no âmbito das ciências, que é o âmbito intelectual, que é o âmbito cognitivo, que é onde a gente vai estar estudando todo tipo de conhecimento que a humanidade já produziu [...]. (Professora E)

A discussão dos problemas e desafios educacionais brasileiros tem sido marcada, nas últimas décadas, pela divulgação dos resultados de avaliações externas e de indicadores educacionais produzidos por avaliações em larga escala dos sistemas de ensino, como por exemplo: SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), Prova Brasil, ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), ANA (Avaliação Nacional de Alfabetização), ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), entre outras avaliações. Frequentemente, essas avaliações apresentam resultados insatisfatórios que acabam gerando polêmicas acerca das políticas públicas e gestão educacionais em diversos espaços, principalmente nas escolas – e, sobretudo, na mídia (BERNARDO, 2020).

Ao abordar a necessidade de ampliação da jornada escolar como alternativa para proporcionar oportunidades reais de aprendizagem e uma educação de fato integral e de qualidade, Bernardo (2020) afirma:

Em teoria, as concepções de educação integral e de educação em tempo integral demonstram-se afinadas; sabemos, também, que ambos os seus desenvolvimentos pressupõem uma outra escola. Um novo modelo que se distingue do tradicional, baseado numa suposta igualdade entre os indivíduos e na valorização não somente da educação formal. (BERNARDO, 2020, p. 91).

O confronto entre o que recomenda a literatura e o que é possível quanto à atuação dos professores em sala de aula é, na maioria das vezes, gritante. Professores bem formados e com conhecimento de diferentes metodologias de ensino muitas vezes se deparam com dificuldades estruturais e organizacionais ao fazer o seu planejamento. Esse ponto é reforçado no relato da Professora D:

[...] me via encurralada, solitária, sem “armas em uma guerra”. Diversos problemas familiares apresentados pelos alunos, conflitos emocionais vividos em casa, e muitas vezes as crianças eram “despejadas” na escola, e em muitos casos sem um alimento adequado [...] se deparavam com temas nada atrativos, se ministrados pelo viés do intelecto frio proposto pelas escolas. (Professora D)

Em diferentes situações, as professoras ressaltaram o fato de poderem contar com a direção e a coordenação das instituições em que trabalham ou trabalharam:

Me esforçava o máximo para trazer a matéria de forma dinâmica, com interação, ludicidade, tive a sorte de contar com o apoio da direção, ou das direções das instituições que trabalhei, com materiais disponíveis, dentro das condições... mas os resultados eram pífios. Diante dos desafios de vida de cada um, impotência, pelo método tradicionalista, ineficácia e fracasso educacional... e com grandes chances de adoecer! (Professora D)

A Professora B afirmou:

[...] faço parte de uma equipe de coordenação, selecionamos temas pertinentes [...] para promover o desenvolvimento integral dos alunos. Por meio das ações que a escola propõe aos professores, conseguimos colocar estas ideias em prática, como: economizar água; fazer o descarte adequado do lixo; participação em campanhas de solidariedade; incluindo pesquisas e conversas sobre os temas que estão sendo contemplados. (Professora B)

Em contrapartida, essas mesmas figuras de liderança podem se tornar fatores limitantes, ao invés de contribuir positivamente:

[...] ter um diretor, é ter alguém que diga o que você tem que fazer, como você deve falar e agir no mundo. Já tirou a oportunidade de você ser um indivíduo íntegro, você já é um reprodutor [...]. Porque chega uma hora que a gente acaba divergindo seriamente com a nossa direção. E aí, a minha pergunta é: "E a tua ética?!" Com você primeiro. Você vai ter que dizer uma coisa que você acha que não é verdade... não é muito melhor você trazer isso numa academia republicana de professores em que todos vão discutir esse ponto de vista e você vai ter "n" pontos de vista para ampliar o seu, do que ter que reproduzir o de alguém? (Professora E)

As professoras relataram diferentes momentos e estratégias para desenvolver integralmente os seus alunos:

Eu estava trabalhando com pirâmide alimentar. A gente fez um estudo, o que eles comem, o que é vitaminas, proteínas, sais minerais, e aí eles tinham que montar como que era a vida deles, como que eles comiam, eles montarem ali. Então foi bem interessante. (Professora C)

Para estudar a guerra do Iraque [...] eles aprenderam a localizar o Iraque, no 6º ano eles aprenderam a visualizar as linhas imaginárias que passam pela Terra, no 9º eles já aprenderam deslocamentos e isso pode ser por terra, por ar, por mar, por onde que vai, então estratégias para chegar no lugar, questões sociais, culturais, porque lá, no caso do Iraque né, é tão contrário a questões econômicas dos ocidentais, o que que isso interfere, da religião, que a gente não vive basicamente a religião da forma como eles vivem, então nós tivemos algumas aulas como prática, com um mapa, consultas na internet e a gente montou meio que um diário para curiosos, sobre o conflito do Iraque. (Professora A)

[...] a minha última época com os meus alunos foi Zoologia [...]. Nós passamos três semanas só falando de bicho. A gente estudava os bichos, a gente pintou bicho, a gente foi ver bicho ao vivo, a gente desenhou bicho, a gente fez poema sobre bicho, a gente fez cálculo com os bichos que tinham na sala, a gente vivenciou isso. Então, todas as coisas, todos os sentidos da criança estavam aguçadíssimos. Teve um passarinho que fez um ninho em nosso teto de sala, então estava ali, dando comida para os seus filhotes exatamente como eu tinha mostrado. Eles estavam com os sentidos abertos para perceber isso; não estavam embotados com um excesso de informação sem sentido. (Professora E)

Ainda no campo das possibilidades, ao serem questionadas sobre as metodologias que acreditam ser mais recomendadas, as professoras destacaram a Pedagogia Waldorf (Professora D), as metodologias ativas e por projetos (Professora B) e a Escola da Ponte (Professora A). A Professora E afirmou:

Toda metodologia que eu já tive oportunidade de estudar: Montessori, freiriana, Piaget, todas elas estão preocupadas com o desenvolvimento do ser humano integral. O problema é o uso que os professores fazem dessas metodologias. Então, hoje, eu trabalho com a metodologia Waldorf porque eu acredito que, de todas essas metodologias, é a que mais se aproxima da formação integral do ser humano. Justamente porque está preocupada em entender a biografia da criança [...] Mas eu penso também, sabe, que independente da metodologia que você escolher para atuar, você precisa se fazer essa pergunta: eu estou usando essa metodologia como foi pensada, de forma integral? Eu estou priorizando esses aspectos do pensar, do sentir e do atuar, na minha aula? Eu estou levando os meus alunos a terem vivências suficientes para serem autônomos nesse aprendizado? Ou eu só estou desejando terminar um ano, passar os conteúdos e ver se as pessoas decoraram aquilo que eu trouxe, ou não? (Professora E)

Quanto à mensuração do desenvolvimento dos estudantes, algumas professoras destacaram outros desafios:

A Escola 1 tem uma grade conteudista, isso a gente não pode negar, nós vislumbramos aprovações em vestibulares, então é uma grande quantidade de conteúdos abordados, e ali, dependendo das realidades, das dificuldades de cada um. (Professora A)

Por meio de observações das ações e atitudes dos alunos é possível dimensionar o seu desenvolvimento quanto à Educação Integral [...] a parceria com a família é fundamental neste processo [...] no nosso dia a dia conseguimos perceber e observar o quanto nossos alunos são engajados com o meio ambiente, se preocupam com o outro. (Professora B)

No tradicional, é muito difícil... depende de vários fatores. Equipe pedagógica, direção e famílias presentes. (Professora D)

[...] uma das possibilidades que a gente tem de dimensionar advém do fato de a gente poder acompanhar a turma, né? Então, hoje eu tenho alunos meus [hoje indo para o 5º ano] que lá no 1º ano caminhavam com muita dificuldade na coordenação motora fina. [...] Hoje ele consegue fazer um trabalho com papel, lápis, com uma caligrafia que é primoroso, porque teve um desenvolvimento que eu fui capaz de mensurar, porque eu fiz observações diárias dessa criança. (Professora E)

Exigências institucionais das escolas e também de órgãos públicos estabelecem procedimentos que precisam ser cumpridos e atendidos, impondo a aplicação de instrumentos (avaliações) com a justificativa de que assim se garantirá a formação em qualidade do corpo estudantil. A prática, entretanto, aponta outra direção. Na pergunta 6, relacionada aos instrumentos de verificação de aprendizagem, a Professora D destacou uma questão relevante:

Me perguntava com frequência: será que a falha não foi mais minha, por não atingir esse aluno? Qual o motivo de fato? Falta de vontade? Capacidade intelectual? Que impacto teria na sua vida... muitos questionamentos surgiam. A metodologia escolhida pelo educador é fundamental. As verificações só são válidas se analisadas e com parâmetros definidos, ações. (Professora D)

Para a Professora B:

Na minha opinião, isto [desenvolvimento] não é levado em conta nos instrumentos atuais de verificação de aprendizagem. Esta análise precisa ser realizada pelo corpo docente em geral e todos que trabalham na escola; discutida em reuniões, fazer debates e fóruns com os alunos [...]. (Professora B)

Segundo a Professora A:

[...] a instituição em que eu trabalho não trabalha no método que eu julgo ser o mais bacana para avaliar, nós temos avaliações formais, de provas, de exercícios processuais [...] [antes da pandemia] eu poderia abrir um pouquinho mais o meu leque de instrumentos avaliativos, mas num caráter geral, ainda são instrumentos muito conservadores. (Professora A)

Já a professora E traça um paralelo entre os métodos avaliativos ditos tradicionais e o método da Pedagogia Waldorf:

[...] essa metodologia que você tem um exercício pronto, que te conduz para você dar uma resposta... não avalia nada. Seja ela através de apostila, de prova... Eu não sei por que as pessoas insistem nisso. (Professora E)

Ela descreve então:

O nosso boletim, por exemplo, que é um boletim descritivo, tem quinze páginas. Nós contamos como foi essa criança durante o ano em vários aspectos. E como ela estava no início do ano e como ela está indo para o próximo ano. Todas as conquistas, a nível de relação [interpessoal] [...]. (Professora E)

Ainda a respeito dos instrumentos, a Professora A ressalta:

Eu acho até que o próprio vestibular é um instrumento completamente defasado. Você, para entrar no curso que você escolheu, você não tem que ter relação direta com física que um engenheiro vai ter. O engenheiro lá que curte física, matemática, física, etc., não vai curtir a parte de história que você curte, entende? E o vestibular está medindo todo mundo com uma régua muito homogênea. (Professora A)

Quanto à possibilidade de trabalhar e desenvolver a educação integral nas instituições, A Professora D afirmou:

Todos devem estar envolvidos, quando de fato há uma educação integral. [...] Família, equipe pedagógica, comunidade escolar e professor precisam atuar integrados. Caso contrário, não vejo possibilidade. Embora haja boa vontade de alguns... impossível quando cada um tem uma metodologia própria. (Professora D)

Não tem a possibilidade, mas a gente tenta da mesma maneira, sabe, conciliar como se eles estivessem, como se fosse na educação integral: o dia a dia deles e as experiências que a gente tem, tenta colocar os conteúdos, tentar colocar ali. (Professora C)

Finalmente, questionadas a respeito da legislação e normatizações de nosso país, as respostas foram diversas:

Não. A legislação assegura muitos direitos. Há vastas normas, no entanto, as obrigações não seguem um parâmetro equilibrado, não vejo uma contribuição efetiva, na prática. Se as leis fossem efetivas haveria tanta violência nos ambientes escolares? Evasão, reprovações, desinteresse. Vemos um desfile de profissionais atacados fisicamente por seus alunos. Infelizmente, os alunos são números, não são vistos como indivíduos; o comportamento humano não é considerado, fica em segundo plano. O importante é passar de ano, ou melhor, no vestibular, e as leis são inócuas diante desse cenário. (Professora D)

Se você me fizesse essa pergunta tipo há uns... quatro, cinco anos atrás, eu diria que não, porque a gente veio vivenciando um sistema de ensino bem falido [...]. Só que tem um movimento acontecendo no Brasil que pode ir, como tudo o que o ser humano faz, né, para o bem ou para o mal, que é todo esse estudo da BNCC [...], conteúdos são importantes, e uma das coisas que me deixou contente nesse processo é ver que tem muito espaço para o trabalho social, pro trabalho anímico, das emoções... está sendo contemplado, sabe? (Professora E)

Não, nem um pouquinho, eu acho. Porque é muito conteúdo, o Ministério da Educação coloca uma lista imensa de conteúdos; as formas, no papel, são lindas, mas na prática elas não dão certo. A impressão que dá é que, por exemplo, a reforma do Ensino Fundamental e Ensino Médio foram escritas por pessoas que não têm experiência de sala de aula. (Professora A)

Percebo que existem muitas leis e ações que idealizam a educação integral, mas em poucos lugares do nosso país, isto é colocado em prática! Na própria BNCC é citado que o estudante deve ser formado e desenvolvido em sua globalidade, portanto quanto às normas e leis isto já é previsto. Mas infelizmente nos falta infraestrutura e espaços suficientes para que esta proposta seja efetivada, além de formação adequada ao professor, visto que os cursos de Pedagogia pouco abordam este tema. (Professora B)

Ainda como desafios a serem superados, destacamos o caso apontado pela Professora C, em que alguns professores ficam muito enrijecidos e transferem essa característica para sua prática diária:

Os alunos faziam divisão de uma maneira e o professor não aceitava daquela maneira, ele queria no processo longo! (Professora C)

Um aspecto à parte do contexto geral pelo qual circularam as respostas dos entrevistados, mas que se apresenta aqui como desafio, é a questão apontada pela Professora A acerca do remanejamento de conteúdos para crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o ingresso das crianças de até cinco anos no 1º ano:

Tem coisas que no 4º ano, a professora pedagoga que está ensinando no 4º ano, não vai ter condição de ensinar sem uma faculdade de língua portuguesa [...] porque isso é ensinado lá no 6º ano com o professor especialista. Na faculdade, a pedagoga não vai aprender isso aqui, e aí como que ela vai ensinar? (Professora A)

Alguns dados obtidos nas entrevistas se aproximaram da revisão de literatura integrativa realizada. A Professora A citou, como método de desenvolver a educação integral com seus alunos, a montagem do “guia de curiosos”, muito semelhante à descrição do “Livro das Maravilhas”, montado com os alunos no modelo que apresenta as *living schools* (Escolas Vivas) de Howard et al. (2019). Do mesmo modo, as pedagogias ativas citadas pela Professora B podem ser relacionadas à *maker pedagogy* de Novotny (2019), enquanto que a Escola da Ponte citada pela Professora A pode ser definida, dentre outras características, também dentro das pedagogias ativas e abrangendo alguns aspectos da inclusão, como mencionam Duque e Vásquez (2020) e Paschoal (2019).

Com relação a possíveis divergências entre as respostas obtidas e a revisão integrativa realizada, não foram identificados pontos absolutamente divergentes. As colocações se aproximam da literatura examinada no que se refere às formas de trabalho e às dificuldades enfrentadas (HOWARD et al., 2019; NOVOTNY, 2019). No entanto, a literatura aponta uma diversidade muito maior de propostas de trabalho com a educação integral do que a citada pelas professoras (AGIRREAZKUENAGA, 2020; ALVI; GILLIES, 2020; ANTOVSKA; KOSTOV, 2016; ALBUQUERQUE; FERREIRA; BRITES, 2016; FERRERAS-LISTÁN et al., 2019; HOWARD, 2019; SOUZA, 2016; TYNJÄLÄ et al., 2016).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível verificar desafios e possibilidades de trabalhar com a educação integral na atualidade. Os principais fatores apontados pelas participantes como relevantes para que esta proposta se torne realidade foram a estrutura física da instituição, a formação dos professores e a participação da comunidade escolar. A partir da revisão integrativa, destacam-se o letramento digital e a necessidade de a escola se reinventar, a ampliação do tempo com qualidade e atividades extracurriculares baseadas em trabalhos em grupo e cooperação.

Dentre os desafios, destacam-se aspectos relacionados às expectativas existentes em relação aos alunos: formação de bons profissionais que atuarão no mercado de trabalho, mão de obra que contribuirá para o “progresso” da sociedade, pais e escolas que esperam unicamente boas notas e aprovação no vestibular. A revisão de literatura aponta fatores como a dificuldade de romper com hábitos antigos, carência na formação continuada de professores e a falta de ações estruturadas contando com o investimento adequado.

Quanto às diferentes concepções de educação integral na Educação Básica encontradas, destacam-se: ampliação do tempo de permanência na instituição escolar com oficinas, laboratórios, atividades extracurriculares e no contraturno; trabalho por projetos e atividades colaborativas; ensino híbrido, mesclando atividades presenciais e à distância; jogos e movimento do corpo.

A partir da revisão integrativa foi possível verificar as seguintes propostas que visam promover a educação integral na Educação Básica: trabalhar a arte com os alunos em atividades como o teatro, dança e artes visuais como opções extracurriculares e de contraturno; ações baseadas na cooperação e no trabalho em grupo para o empreendedorismo, como no Modelo em Árvore (*Tree Model*); a busca por novas descobertas baseadas no método e estudo científico, a ser desenvolvido com a disciplina de ciências; incentivo à interação e produções *online* (*blended learning*) com o ensino híbrido; experiências ao ar livre promovendo a formação humana, nas quais os alunos se sentem e se percebem como protagonistas; a inclusão, partindo das habilidades que o aluno já possui e que podem ser aprimoradas; a pedagogia integrativa, que mescla conhecimento teórico com a ação prática; a ludicidade do jogo para contribuir com o aprendizado; a escola viva (*living school*), com algumas instituições baseadas em princípios da Reggio Emilia e que fomentam

a sustentabilidade econômica da sociedade na qual a escola está inserida; a livre expressão que procura dar espaço ao aluno para que este se expresse em diferentes linguagens como a escrita, fala, desenho e o próprio corpo; as pedagogias ativas, nas quais os alunos se envolvem em diferentes ações para aprender fazendo, em movimento e não com base na memorização; a educação baseada no meio ambiente e na sustentabilidade, que nos leva a questionar o tipo de formação necessária ao homem que viverá o século XXI; a educação física e o movimento como promotores do autoconhecimento e do desenvolvimento psicomotor do aluno; a participação dos pais como fundamental na participação e aproveitamento do aluno em sala de aula; a pedagogia da alternância, respeitando os tempos particulares à comunidade do campo; a politecnia, que visa a formação de um indivíduo apto a atuar em diferentes áreas e o *Self-Regulated Learning*, que permite ao aluno administrar e fazer o acompanhamento de seu aprendizado.

Quanto às principais dificuldades encontradas para a promoção de uma educação integral de qualidade, citam-se aspectos como o fato de a educação estar a serviço do mercado de trabalho e subjugada a influências sociais; a dificuldade de alguns professores em "pensar diferente" e a interferência de representantes de empresas e do governo em questões educativas, considerando que tais figuras não possuem a devida formação para atuar e interferir nessa área.

Vivemos em uma sociedade baseada no consumo. Para que a educação integral seja de fato uma realidade, urge mudar radicalmente nossa postura em relação à vida, em relação à nossa própria existência. A satisfação e realização pessoal baseada em bens materiais nos leva a uma insaciável busca, incoerente e incompleta. Logicamente, todos precisamos que sejam supridas as necessidades básicas como alimentação, moradia, vestimenta e saúde, condições mínimas para viver. Porém, o que existe na atualidade é uma sociedade baseada na economia; trata-se de pessoas que lutam todos os dias para obter o mínimo para sobrevivência, ou, ainda, aquelas preocupadas com os bens e *status* que desejam adquirir ou manter, enquanto a economia é que deveria estar à disposição da sociedade e do ser humano.

Nesse sentido, Mansilla (2018) afirma que, subjacente às significativas mudanças sociais e tecnológicas de nossa sociedade, que está cada vez mais global, há uma transformação profunda na própria natureza da aprendizagem. Para tanto, existe hoje a necessidade de uma educação voltada à promoção de uma cidadania crítica com capacidade de reflexão sobre desafios como desigualdades, direitos

humanos, paz e sustentabilidade, tanto local quanto globalmente; enfim, de seres humanos capazes de contribuir, com uma atitude proativa, de uma forma mais pacífica, tolerante, segura e sustentável para o mundo (AGIRREAZKUENAGA, 2020).

Observa-se que as medidas tomadas com o intuito de transformar a educação e voltadas à educação integral, geralmente são pontuais. Segundo Howard et al. (2019),

As reformas desenvolvidas por algumas escolas ou professores e administradores têm sido associados à possibilidade de transformação e fornecem modelos e inspiração para outros. Contudo, sem a liderança necessária, conselho escolar, políticas municipais e estaduais, e o suporte de recursos, sustentar as reformas requer esforço descomunal e o compromisso por parte das escolas. Além disso, as mudanças podem não durar e tendem a diminuir ou desaparecer completamente quando as pessoas-chave deixam a escola. (HOWARD et al., 2019, p. 13).

Ainda segundo Howard et al. (2019), simplesmente impor mudanças de cima para baixo não é o suficiente para romper com as normas estabelecidas e criar uma reforma estrutural duradoura. Portanto, se mudanças e aperfeiçoamentos são propostos, é fundamental que o sejam de maneira muito bem embasada e estruturada. Como expressam Mavilidi et al. (2018), Cunha, Cunha e Ferreira (2020) e Souza (2016), tal feito requer a mudança de paradigmas e de antigos hábitos de nossa forma de atuar, respeitando a individualidade de cada indivíduo e ultrapassando ações meramente compensatórias.

O que este trabalho apresenta, portanto, não é a proposição de um novo modelo de administração e organização social, mas a reflexão acerca dos fatores que substancialmente contribuem para a plena formação e desenvoltura do ser humano ao se posicionar diante da vida e das reais contribuições da escola e dos educadores nesse processo.

Por fim, conclui-se que a possibilidade da educação integral no enfrentamento dos desafios que se impõe atualmente na sociedade depende da coerência e articulação de uma proposta integradora e humana, a partir de um projeto coletivo e interdisciplinar, com metodologias que considerem de maneira crítica e duradoura aspectos cognitivos e afetivos, ambientais, sociais e culturais mais amplos em sua proposição.

REFERÊNCIAS

- ABREU, V. F., BERNARDO, E. S. Políticas públicas educacionais em foco: o programa mais educação em discussão. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 2-21, 2016.
- AGIRREAZKUENAGA, L. Education for agenda 2030: what direction do we want to take going forward? **Sustainability**, Bilbao, v. 12, p. 2035, 2020. doi:10.3390/su12052035
- ALBUQUERQUE, C. P.; FERREIRA, J. S.; BRITES, G. Educação holística para o empreendedorismo: uma estratégia de desenvolvimento integral, de cidadania e cooperação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 67, 2016. doi: 10.1590/S1413-24782016216752
- ALVI, E., GILLIES, R. M. Teachers and the Teaching of Self-Regulated Learning (SRL): the emergence of an integrative, ecological model of SRL-in-Context. **Education Sciences**, Basileia, v. 10, n. 98, p. 1-19, 2020. doi:10.3390/educsci10040098
- ANDREOPOULOU, P.; MOUSTAKAS, L. Playful learning and skills improvement. **Open Journal for Educational Research**, Ilion, v. 3, n. 1, p. 25-38, 2019. doi: 10.32591/coas.ojer.0301.03025a
- ANTOVSKA, M. A. A.; KOSTOV, B. Teachers, Students and Extracurricular Activities in Primary Education. **International Journal of Cognitive Research in Science, Engineering and Education**, Escópia, v. 4, n.1, p. 49-54, 2016.
- ARROYO, M. G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARROS, M. S. F.; PASCHOAL, J. D.; FERREIRA, A. L.; BARROS, P. C. S. Arte e Educação: o teatro como recurso metodológico no trabalho pedagógico na alfabetização. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 3, p. 1205-1216, 2019. doi: 10.21723/riaee.v14i3.12491
- BELMONTE, J. L.; SÁNCHEZ, S. P.; SÁNCHEZ, A. F. C.; SÁNCHEZ, A. R. Análisis del desempeño docente en la educación para el emprendimiento en un contexto español. **Aula Abierta**, Oviedo, v. 48, n. 3, p. 321-330, 2019. doi: 10.17811/rifie.48.3.2019.321-330
- BERNADO, E. S. Educação em tempo integral: alguns desafios para a gestão escolar. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 79-94, 2020. doi: 10.21723/riaee.v15i1.12116

BLAGOEVA, N. V. Project-based integration of contemporary art forms into teaching visual arts to primary school students in the after-school art clubs. **International Journal of Education & the Arts**, Tempe, v. 20, n. 18, p. 1-23, 2019. doi: 10.26209/ijea20n18

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CARVALHO, L. D., RAMALHO, B., SANTOS, K. A. O Mais Educação na América Latina: legados a infâncias e juventudes pobres. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, e80711, 2019. doi: 10.1590/2175-623680711

CAVALIERE, A. M. Escola de tempo integral versus alunos em tempo Integral. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 80, p. 51-63, 2009.

COELHO, L. M. C. da C. Alunos no ensino fundamental, ampliação da jornada escolar e educação integral. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 45, p. 73-89, 2012.

COELHO, L. M. C. da C. História(s) da educação integral. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 80, p. 83-96, 2009.

COLORADO-AGUILAR, B. L.; MORALES-GONZÁLEZ, B. Avaliação dos conhecimentos tecnológicos, pedagógicos e disciplinares no ensino da ciência. **RIAAE - Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 03, p. 997-1010, 2018. doi: 10.21723/riaee.v13.n3.2018.11167

COSTA, T. P. da, FREITAS, H. R., & MARINHO, C. M. (2019). Pedagogia da alternância na educação básica e profissional: conquistas e desafios em 25 anos de atuação da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (REFAISA). **Revista Brasileira De Educação Do Campo**, Tocantinópolis, v. 4, e7327. doi: 10.20873/uft.rbec.e7327

CUNHA, N. V. S; CUNHA, M. L.; FERREIRA, H. S. Concepção de formação humana para a educação infantil: um estado da questão. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 25, e250033, 2020.

DEWEY, J. **Democracia e educação: capítulos essenciais**. Edição 2011. São Paulo: Ática, 2011.

DUQUE, E.; VÁZQUEZ, J. F. D. O novo paradigma da educação na promoção de uma sociedade mais inclusiva. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 27-49, 2020. doi: 10.21723/riaee.v15i1.12632

FERRERAS-LISTÁN, M.; PUIG-GUTIERREZ, M.; MORENO-FERNANDEZ, O.; RODRIGUEZ-MARÍN, F. The relevance of citizenship, sustainability and heritage education in early childhood and primary education in Spain. **Pedagogika**, Kaunas, v. 134, n. 2, p. 61-81, 2019. doi: 10.15823/p.2019.134.4

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Educação Integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIPF)**, Itapetininga, v. 1, n. 1, p.90-102, 2009.

GERKE, J.; SANTOS, S. P. Alternância e seus 50 anos: Uma possibilidade formativa da Educação do Campo. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 4, e7292, 2019. doi: 10.20873/uft.rbec.e7292

HOWARD, P.; O'BRIEN, C.; KAY, B.; O'ROURKE, K. leading educational change in the 21st century: creating living schools through shared vision and transformative governance. **Sustainability**, Sydney, v. 11, p. 4109, 2019. doi:10.3390/su11154109

JUSTINO, E. F.; SANT'ANNA, P. A. Programa Mais Educação: diálogos partindo da percepção de pais de estudantes de uma comunidade rural. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 2, n. 1, p. 389-410, 2017. doi: 10.20873/uft.2525-4863.2017v2n1p389

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, A. C.; JACOMELI, M. R. M.; BRASILEIRO, T. S. A. Fundamentos da educação integral politécnica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 473-488, 2017.

MANSILLA, D. E. P.; PRADO, E. W. Demandas de ensino aprendizagem apresentadas por professores de ciências e biologia da rede estadual do município Sorriso - MT. **Revista Prática Docente**, Confresa, v. 3, n. 1, p. 196-207, 2018.

MARCON, V. S.; SILVA, V. C.; ERTHAL, A. Experiências de multiletramentos na escola pública: ensino híbrido, metodologias ativas e interdisciplinaridade. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, v. 17, n. 2, p. 87-102, 2020. doi: 10.25112/rpr.v2i0.2192

MAVILIDI, F. M.; RUITER, M.; SCHMIDT, M.; OKELY, A. D.; LOYENS, S.; CHANDLER, P.; PASS, F. A narrative review of school-based physical activity for enhancing cognition and learning: the importance of relevancy and integration. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 9, p. 2079, 2018. doi: 10.3389/fpsyg.2018.02079

MELO, R. J.; ADAMS, F. W.; NUNES, S. M. T. Concepções da importância do ensino de Ciências na educação básica por licenciandos de um curso de Educação do Campo. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 5, e7240, 2020. doi: 10.20873/uft.rbec.e7240

MEURER, S. S.; OLIVEIRA, M. A. T. A invenção dos recreios nas escolas primárias paranaenses: o lugar da educação do corpo, dos sentidos e das sensibilidades na escola. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v.21, n. 64, 2016.

NOVOA, A. Educação contemporânea: a singularidade do desenvolvimento integral. In: FÓRUM SESC DE EDUCAÇÃO, 5., Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hr2letJODcc>>. Acesso: 10 jan. 2020.

NOVOTNY, K. Maker's mind: interdisciplinarity, epistemology, and collaborative pedagogy. **Journal of Interdisciplinary Studies in Education**, Jonesboro, v. 8, n. 1, p. 45-62, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

OROZCO, M.; GIJBELS, D.; TIMMERMAN, C. Empirical conceptualisation of integrative learning: a focus on theory-practice integration in technical vocational education and training. **Vocations and Learning**, New York, v. 12, p. 405-424, 2019. doi: 10.1007/s12186-019-09223-2

PADIAL-RUZ, R.; IBÁÑEZ-GRANADOS, D.; HERVÁS, M. F.; UBAGO-JIMÉNEZ, J. L. Proyecto de baile flamenco: desarrollo motriz y emocional en educación infantil. **Retos**, Madrid, n. 35, p. 396-401, 2019.

PARENTE, C. M. D. Políticas de educação integral em tempo integral à luz da análise do ciclo da política pública. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 415-434, 2018. doi: 10.1590/2175-623661874

PASCHOAL, J. D. A inclusão na pré-escola obrigatória: uma análise da legislação. **RIAEE - Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 1, p. 656-670, 2019. doi: 10.21723/riaee.v14iesp.1.12197

PRIETO, J. P.; HERRERO, D. C. Percepciones de futuros maestros sobre motricidad en educación infantil: un estudio exploratorio en estudiantes de último curso. **Retos**, Madrid, n. 39, p. 155-162, 2021.

RODRIGUES, J. P.; GONÇALVES, J. L.; GARCIA, V. A.; GONÇALVES, D. Educação Integral, institucionalização do tempo livre: outras lógicas educacionais no contexto luso-brasileiro. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 39, n. 108, p. 145-160, 2019.

SCARPATO, M. A livre expressão na Pedagogia Freinet. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. esp. 1, p. 620-628, 2017.

SCHIMONEK, E. M. P.; ADRIÃO, T. A gestão dos Programas Mais Educação e escola a tempo inteiro: uma análise de políticas para educação em tempo integral. **RPGE – Revista Online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 22, n. esp.1, p. 223-243, 2018.

SILVA, N. F. da; COLARES, M. L. I. S. A Educação Integral no oeste do Pará: o estado do conhecimento a partir das dissertações do PPGE-UFOPA. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 39, p. 379-394, 2020. doi: 10.22481/praxisedu.v16i39.6386

SOUZA, E. de. Os sinais da educação integral (1960). **Educação**, Santa Maria, v. 41, n. 1, p. 27-40, 2016.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Rev. Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SUBERO, D.; ESTEBAN-GUITART, M. Más allá del aprendizaje escolar: el rol de la subjetividad en el enfoque de los fondos de identidad. **Teri - Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria**, Salamanca, v. 32, n. 1, p. 213-236, 2020. doi: 10.14201/teri.20955

TYNJÄLÄ, P.; VIRTANEN, A.; KLEMOLA, U.; KOSTIAINEN, E.; RASKU-PUTTONEN, H. Developing social competence and other generic skills in teacher education: applying the model of integrative pedagogy. **European Journal of Teacher Education**, London, v. 39, n. 3, p. 368-387, 2016. doi: 10.1080/02619768.2016.1171314

VARANI, A.; CAMPOS, C. M.; ROSSIN, E. A formação humana integra a educação integral? O que as práticas pedagógicas têm a nos dizer. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 39, n. 108, p. 177-192, 2019.

VESA, A.; SAILA, P.; ARTO, K. Preparing for the world of diverse worldviews: parental and school stakeholder views on integrative worldview education in a

Finnish context. **British Journal of Religious Education**, London, v. 41, n. 1, p. 78-89, 2019.

WEOR, S. A. **Educação fundamental**. Guadalupe Victoria: Barbera Editores, 1996.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: update methodology. **Journal of Advanced Nursing**, New Jersey, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

WILSON, D. M.; GROSS, D. Parents' executive functioning and involvement in their child's education: an integrated literature review. **Journal of School Health**, New Jersey, v. 88, n. 4, p. 322-329, 2018. doi: 10.1111/josh.12612

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

* Nome:

* Formação:

() Graduação () Pós Graduação: _____

* Instituição em que trabalha (ou trabalhou): pública () privada ()

* Etapa de ensino com a qual trabalha:

() Educação Infantil () Ensino Fundamental _____ () Ensino Médio

1. Como definiria Educação Integral em suas palavras?
2. Como o professor contribui para o desenvolvimento completo do aluno?
3. Que atividades você desenvolve para que este desenvolvimento integral de fato aconteça?
4. Recomendaria / mencionaria alguma metodologia específica que promova a educação integral da criança/adolescente?
5. É possível medir o desenvolvimento dos alunos? Como esse dimensionamento é realizado na instituição em que trabalha?
6. Os instrumentos atuais de verificação de aprendizagem permitem medir esse desenvolvimento integral?
7. A instituição em que trabalha possibilita uma atuação voltada para a Educação Integral (no aspecto desenvolvimento, não tempo ampliado)?
8. As normas e leis de nosso país (Brasil) relacionadas à educação contribuem para que a Educação Integral se efetive?

APÊNDICE B – ENTREVISTA: PROFESSOR A

1. Como definiria Educação Integral em suas palavras?

É, a integralidade deste assunto, da, da educação, ela tem várias vertentes assim, pra que eu possa te responder. É, a primeira: esse integral pode ser trabalhado de maneira cidadã, de maneira humana, é, de maneira intelectual. Então ele abrange uma, na criança, uma convivência saudável em sociedade, é, uma inserção dela nessa sociedade e a intelectualidade dela, ou seja, um ensino baseado em livros, em fatos, a racionalização de conceitos, então isso é uma vertente da integralidade, né. Outra, que eu interpreto, ah, o integral em sala de aula, então tem que ser uma abrangência ainda maior. O aluno não pode se sentir cansado, para isso precisa ter uma estrutura fantástica para poder dar a esse aluno a possibilidade de ele trabalhar suas habilidades, suas competências das mais variadas formas possíveis. Precisa ter uma, uma equipe muito consistente em volta disso, um preparo muito grande em volta disso, então não pode simplesmente colocar a criança lá dentro da escola e dizer: você fica aqui em período integral e isso ser maçante, massivo, não. Tem que explorar o máximo possível das habilidades, das competências que ela apresenta, né? E, e, essa integralidade também pode, é voltando lá à primeira situação que eu falei, pode voltar a explorar o intelecto dessa criança de uma forma fabulosa, colocando ela numa, não só, a partir das séries iniciais, mas aprofundando mais à frente, em iniciações científicas aonde a gente vai descobrir diamantezinhos e a escola vai lapidar esses diamantes, então tem essas vertentes que eu analiso para ser um ensino integral. É porque a integralidade muitas vezes as pessoas pensam que é ou ensino integral, né, eu vejo aqui pelo estado de Santa Catarina. Ah, nós estamos fazendo um projeto de educação integral, então vai ser lá no ensino médio, as turmas piloto, então os alunos vão para (isso só nas escolas públicas eu falo, né) os alunos vão pra lá e eles vão trabalhar em cima de projetos interdisciplinares o tempo inteiro, então os professores estão tendo uma capacitação fantástica, só que por serem muitas vezes professores mais velhos, eles já tem uma série de vícios que os impedem de trabalhar muito bem estes projetos, e também a falta de estrutura, infelizmente né, mas o aluno, quando ele consegue capitar e ele tem essas habilidades e competências, é, fáceis de serem trabalhadas, vamos dizer assim, nossa! Aparece cada coisa maravilhosa. Eles produzem é, de uma maneira assim, ímpar. É muito bonito de se ver. Mas é aquele fato, ele entra em sala de manhã e ele vai ficar trabalhando até o final do dia,

né só que é pequenininho ainda, são passinhos de formiguinha ainda.

Pesquisadora: e nesse projeto, nessa situação específica, é todos os dias, essa proposta de dia inteiro?

Resposta: é, são todos os dias então cada dia um grupo específico de áreas de conhecimento se envolvem em projetos. Depois que aquelas áreas de conhecimento esgotaram os seus projetos, mesclam-se as áreas de conhecimento, mudam os grupos, então os alunos, os professores dão, vamos dizer assim a grosso modo, o pontapé inicial, dando as dicas do projeto, mas quem vai produzir, nitidamente, são os alunos, então eles fazem com pouco quão muito que a gente fica assim de queixo caído, mas muitas vezes acaba, dependendo da área de conhecimento, não conseguem deslanchar, seja por falta de estrutura física, materiais, etc, ou seja por preparo dos professores que ficou um pouco falhado ali, a condução propriamente dita ficou falhadinho ali.

Pesquisadora: aham, às vezes presa a um padrão único.

Resposta: isso mesmo, bem isso uhum. Então é um projeto maravilhoso, que a partir do momento que for bem trabalhado, é ele vai se estender para outras, outros segmentos, então do médio vai passar para o fundamental II, do fundamental II vai passar pro fundamental I e o infantil, então há essa, esse trabalho de preparo, mas que vai começar de cima para baixo para trabalhar até mesmo os professores que formarão outros professores.

Pesquisadora: Nossa, que bacana, eu nem conhecia

Resposta: É muito legal, é muito bacana. O governo do estado de Santa Catarina está caprichando, caprichando legal nesse, bastante! É MITI o nome do projeto. Uma professora que trabalha comigo que fala sobre. Ela trabalha nesse projeto. Ela é professora de espanhol e ela faz esse projeto até com física. Ela está super empenhada e é muito legal ver a inserção dela e o que ela conta desse projeto. É MITI, é muito legal.

2. Como o professor contribui para o desenvolvimento completo do aluno?

É uma pergunta beeem ampla, e de resposta bem ampla também. Porque, ao meu ver, o professor não pode ser só um facilitador para o aluno chegar ao entendimento, ele precisa ser um intermediador desse caminho, até a chegada, então, eu não gosto de ensinar com um método muito engessado, apesar de ter isso na minha rotina, né? De ter que fazer isso. Mas eu procuro colocar para o aluno sempre, o conceito que ele

está aprendendo, embutido em uma situação problema real. Então, nessa característica, de associação, ele tem que interpretar, ele tem que interpretar diferenças, nas realidades, né? Que ele não tem uma só, então ele vai usando a interpretação socioeconômica do que se fala, a interpretação comercial do que se fala, da realidade do que se fala, e aí ele vai atribuir soluções. Interpretações e soluções, e aí depois ele vai aprendendo o todo sobre o que o conceito aplicado na teoria para ele. Ao ponto dele, por exemplo, ler uma reportagem, assistir a um jornal, a um telejornal né, ou mesmo conversar com alguém, ele tem fundamento cartográfico por exemplo, onde tá acontecendo o fato, ele tem embasamento de análise, porque ele tem comparativos para isso, e ele sabe que a situação não é estanque, ela vai continuar mudando, então da onde pode ocorrer essa mudança, e aí eu consigo a formação de um aluno mais crítico, mais analítico, e não só aquele que recebe, recebe, recebe, tudo prontinho.

3. Que atividades você desenvolve para que este desenvolvimento integral de fato aconteça?

Na minha área daí, né?

Pesquisadora: Isso, aham.

Resposta: é, o que eu faço com eles é quase como que uma batalha naval, só que situação real. Por exemplo, foi lá para estudar a guerra do Iraque, o que os EUA estavam fazendo no Iraque. Então, eles tinham...eles aprenderam a localizar isso, desde o 6º ano. 6º ao 9º ano, me permitiam fazer isso, então, eles aprenderam a localizar o Iraque, no 6º ano eles aprenderam a visualizar as linhas imaginárias que passam pela Terra, no 9º eles já aprenderam deslocamentos e isso pode ser por terra, por ar, por mar, por onde que vai, então estratégias para chegar no lugar, questões sociais, culturais, porque lá, no caso do Iraque né, é tão contrário a questões econômicas dos ocidentais, o que que isso interfere, da religião, que a gente não vive basicamente a religião da forma como eles vivem, então nós tivemos algumas aulas como prática, com um mapa, consultas na internet e a gente montou meio que um diário para curiosos, sobre o conflito do Iraque. Foi bem legal...bem joia. Depois mais tarde eu fiz com outros assuntos assim, eles foram aprender geologia no 6º ano e a gente fez um guia de curiosos: guia para curiosos sobre vulcões mais ativos da Terra, então tudo vai embasando. Cartografia com os conceitos teóricos e as práticas.

Em outra cidade, em uma unidade em que eu dou aula, a gente simulou um terremoto

e, numa plataforma, tudo bonitinho, eles trouxeram um motor de ventilador, simularam o terremoto com duas realdades: um bairro, cujas casas são bem estruturadas, que simulava, por exemplo, cidades do Chile, que está bem na borda da placa tectônica e uma outra placa onde eles simulavam a cidade do Haiti, Porto Príncipe, que foi danificada no terremoto, todinha. Então, eles conseguiram observar que a falta de estrutura das casas aumenta o índice de mortes. A gente fez essas práticas, todas fundamentadas em conceitos e depois na realidade, o que ocasionava.

4. Recomendaria / mencionaria alguma metodologia específica que promova a educação integral da criança/adolescente?

É, então...a metodologia que eu julgo ser a ideal, é... eu não vou lembrar o nome dela agora, mas é a mesma aplicada na Escola da Ponte em Portugal, você não tem uma, digamos assim, uma lista de conteúdos que você tem que pregar aquilo de fio a pavio durante o período letivo. Você tem a lista de conteúdos que podem ser trabalhados interdisciplinarmente. Então, o exemplo que eu uso muito é a água. O assunto hoje é água. Aí você tem conhecimentos de química, de física, biologia, de geografia, que você vai sabendo tudo sobre a água. Essa metodologia, que eu não lembro o nome agora, mas é utilizada na Escola da Ponte, eu acho que é a ideal.

Pesquisadora: é... acho que é, mista..? Alguma coisa assim?

Resposta: É.. ela tem uma base de Montessori, mas só que ela é muito melhor estruturada do que a Montessori.

Pesquisadora: é uma das que eu estou procurando estudar e me aprofundar, realmente...era a Escola da Ponte

Resposta: é, eu acho que ela é a ideal pro aluno aprender e não ficar aquela coisa muito compartimentalizada né: agora eu vou abrir a gavetinha da geografia, aí eu ensino o ciclo hidrológico; aí daqui a pouco vem matemática e vai ensinar equação de segundo grau, aí vem física, vetor; ou seja, o aluno não vê seguimento no que ele tá aprendendo. E a partir de um conhecimento interdisciplinar, mas interdisciplinar MESMO, não é aquela coisa, que eles acham que interdisciplinar é enfiar matéria em tudo que eles acham que é legal: "Ah, aqui cabe geografia, aqui cabe isso, aqui cabe aquilo", mas interdisciplinar mesmo, aí o aluno consegue aprender legal aquilo tudo o que ele precisa sobre o tema trabalhado.

5. É possível medir o desenvolvimento dos alunos? Como esse dimensionamento é

realizado na instituição em que trabalha?

É, é difícil dimensionar isso pelas diferentes realidades que a gente trabalha, principalmente agora na pandemia, né? Mas assim, o que se busca? O (Escola 1) ele tem uma grade conteudista, isso a gente não pode negar, nós vislumbramos aprovações em vestibulares, então, é uma grande quantidade de conteúdos abordados, e ali, dependendo das realidades, das dificuldades, aí entram os outros departamentos da escola em ação. Entende? Vem lá, departamento de saúde que vai avaliar o aluno, se tem alguma condição de...se necessita de alguns exames paralelos para verificar uma possível falta de atenção, ou enfim, outras coisas, a gente tem aí as outras práticas pedagógicas para tentar fazer com que o aluno aprenda um conteúdo. Só que agora ficou tudo um tanto quanto limitado por causa da questão pandêmica. E aí você começa a ampliar a possibilidade de aprendizado do aluno e espera que ele consiga alcançar tudo que a gente propõe aprender, a partir desses braços que o (Escola 1) abre para ajudar. Não sei se eu consegui responder o que você queria...

6. Os instrumentos atuais de verificação de aprendizagem permitem medir esse desenvolvimento integral?

Olha...eu acho que não, eu acho que não, até porque é... a instituição em que eu trabalho não trabalha no método que eu juro ser o mais bacana para avaliar, nós temos avaliações formais, de provas, de exercícios processuais, que não deixam de ser exercícios né? Mas, antes da pandemia, eu conseguia abrir o meu leque um pouco mais para tentar avaliá-los de outra maneira. Então, eu poderia possibilitar debates na sala simulando um júri, por exemplo, então eu poderia abrir um pouquinho mais o meu leque de instrumentos avaliativos, mas num caráter geral, ainda são instrumentos muito conservadores. Mas você não faz parecer que eu tô contra o método avaliativo tá?

Pesquisadora: não, de forma alguma. Se você quiser, eu mando o TCC para você ler

Resposta: Ai que legal! Terei o maior prazer de ler, é gostoso

Pesquisadora: Não, porque o intuito é justamente voltar o olhar para essa organização geral, não como assumir uma postura de julgamento das instituições e muito menos dos professores, pelo contrário; mas verificar realmente até que ponto o método, as metodologias como elas estão hoje, contribuem de fato com os alunos, mas não como uma coisa para classificar ou julgar, nada disso.

Resposta: É, eu acho até que o próprio vestibular, é um instrumento completamente defasado. Você, para entrar no curso que você escolheu, você não tem que ter relação direta com física que um engenheiro vai ter. O engenheiro lá que curte física, matemática, física, etc., não vai curtir a parte de história que você curte, entende? E o vestibular está medindo todo mundo com uma régua muito homogênea, ou seja, eu vou colocar uma avaliação aqui, que vai abranger quem quer fazer engenharia, quem quer fazer direito, quem quer pedagogia, quem quer fazer geografia ou seja lá o que for. E eu acho isso ridículo

Pesquisadora: E ainda tem aquela questão do fator emocional né? Quem fica mais nervoso, menos nervoso com prova, aí até sabe o conteúdo mas esquece...

Resposta: Exatamente. Exatamente... aí está comprovando por exemplo o Enem, o Enem é uma avaliação muito mais de resistência física e psicológica do que de conteúdo. Eu estava falando com a moça que veio limpar a casa hoje: os filhos dela estudam em escola pública e os filhos dela não tinham aula nem online. A cada 15 dias ela ia na escola, pegava uma lista de conteúdos, e levava para as crianças aprenderem sozinhas. E aí conversando com a minha filha, a gente estava comparando. Ela disse: "a gente está com uma escola que está oferecendo tudo para a gente, tudo, e a gente tem dificuldade de aprender. Imagine eles que vão aprender sozinhos."

Pesquisadora: Puxa...e não tem sequer uma biblioteca que eles possam usar né? Porque está tudo fechado...

Resposta: Exatamente, exatamente. Então ela disse "eu não terminei o meu ensino fundamental, eu não sei ensinar para ela", para a filha dela, ela estava comentando. Ela disse: "A minha filha chorava, porque ela não sabia aprender". Nossa, imagine que desespero, não dá vontade de pegar uma criança assim e ensinar para ela tudo o que você pode?

Pesquisadora: Nossa, sim, com certeza. Quantos anos ela tem?

Resposta: Ela tem cinco filhos. A menina vai entrar na 1ª série do médio e os outros vêm de 3º/4º para cima. É triste, meu Deus...

7. A instituição em que trabalha possibilita uma atuação voltada para a Educação Integral (no aspecto desenvolvimento, não tempo ampliado)?

Sim, possibilita. Aí preciso tirar o chapéu, porque eles desenvolveram uma iniciação científica, então o aluno pode se envolver nisso, tanto também na área dos esportes

e tal, onde aprende a sociabilidade, a ganhar e perder, estratégias, enfim, eu acho que é muito bacana, esse lado, possibilita sim. O (Escola 1) deu um salto nesse aspecto, imagina, possibilitar à criança, ao adolescente, se desenvolver com iniciação científica a partir do 9º ano. Teve uma menina que foi apresentar o projeto dela em uma feira de ciências gigante nos EUA. Ela descobriu uma alternativa sustentável para embalagens que não se se decompõem. Então, ao invés de um material cuja reciclagem é muito difícil, você tem algo que vai para o meio ambiente e ainda se transforma em matéria orgânica de decomposição (trecho alterado do original para não comprometer a confidencialidade da pesquisa).

Pesquisadora: E como isso é feito? São parcerias das escolas com as universidades?

Resposta: Sim, tem universidades em que a Escola 1 inscreve os trabalhos premiados em universidades que promovam essas feiras. Se a universidade tem interesse, ela chama. E essa lá dos EUA eu não me lembro o nome, mas não era pouca coisa não, era muita coisa! Que chamou e foi a menina e um professor apresentar esse trabalho nos EUA

Pesquisadora: E a escola não usa isso para marketing? Teria que anunciar, em tudo quanto é canto...

Resposta: É, eles usaram eu acho no ano em que aconteceu isso...no ano seguinte eles anunciaram, mas é mais para quem vai procurar a escola para conhecer que eles anunciam, não na mídia de TV, de jornais impressos assim, eu acho que isso não. Porque a Escola 1 tem essa coisa de, eles estão investindo mais em mídia, mas eles se alicerçam muito nos resultados de Enem e vestibular. Daí agora, como mudou o presidente, eu não sei se essa reforma do ensino médio vai para frente, mas se for, eles têm essa bagagem desse material, desses prêmios em feiras nacionais e internacionais que eles inscreveram os alunos, aí eles podem usar.

Pesquisadora: A reforma do Ensino Médio foi concluída, se efetivou?

Resposta: Foi, e tem o prazo de 2021 para se efetivar totalmente. Só que com a entrada do presidente, parece que isso foi deixado de lado. E está todo mundo na esperança que isso não aconteça porque é algo que não é fácil de implantar e vai ter muito desemprego, então eu não sei o que vai acontecer. Porque a Escola 1 está com tudo pronto, na ponta do lápis para acontecer, só que a gente está parado, seguindo o método antigo, normal, tudo bonitinho. Aí tem o sistema S, que são aquelas escolas do SENAI, SENAC, etc. O SENAI já está fazendo isso desde esse ano e tem uma pessoa que trabalha comigo que também trabalha no SENAI e ele disse que é

desesperador. Ninguém sabe muito bem o que fazer, porque é tudo na base de projeto, projeto, projeto. Então você não tem um embasamento do aluno para uma questão teórica para ele saber exatamente no que ele está mexendo. O objetivo é ele realizar o projeto.

Pesquisadora: Não tem um início, meio e fim; uma estrutura clara, objetiva?

Resposta: Exatamente, a gente que tem que fazer isso acontecer, entende? Você tem que dar conta de explicar o conteúdo ali, para o aluno entender o projeto, mas não tem aula para dar tempo de fazer isso acontecer de maneira muito tranquila. Ele dá aula de biologia e está enlouquecido, porque a área dele se liga muito a química, se liga muito à biologia e tal, só que ele disse "a diversidade de idade dos professores é o que restringe muitas vezes a aplicação do projeto. O mais velho tem dificuldade de fazer a coisa acontecer, porque é muito conteudista, sistemático e metódico..."

Pesquisadora: Aquele que trabalhou durante anos do mesmo jeito, seguindo um mesmo passo a passo e aí agora para mudar, às vezes a pessoa não consegue

Resposta: Exatamente, ele se sente inseguro porque é um terreno que ele não conhece. E o mais jovem, tem esse gás, mas não tem a experiência de como controlar a turma, como fazer esse embasamento teórico acontecer, então ele tem ideia do projeto mas não tem a experiência de administrar um povo de dentro de sala de aula que precisa muitas vezes de limite, de controle, para não zoar com o projeto.

Pesquisadora: e o professor acaba sendo o que mais sofre, levando de todos os lados, o que mais sofre diante de tudo isso.

Resposta: Exatamente. Eu dou graças a Deus que a minha filha está saindo no método antigo. Porque quem está entrando e se por ventura pegar uma possível mudança, nossa! Vai parecer um método Montessori, desculpa a expressão, "nas coxas", sabe? Então, "você vai aprender isso aqui hoje olha, é água, H₂O", mas a coisa toda limitada, meio fracionada, como a internet sabe? Então...eu não tenho bons olhares com relação a essa mudança não. Levando em consideração que o Brasil tem os mesmos cursos superiores a décadas, os professores, por exemplo, você está fazendo pedagogia, mas os seus professores, provavelmente foram formados do jeitinho que eles estão te formando. Mas o mercado exige que você venha numa outra formatação. Aonde que você vai aprender isso? Na raça.

Fica apenas em um discurso. As crianças estão vindo cada vez mais rápidas, mais tecnológicas, a escola não consegue acompanhar isso, e aí fica aquele discurso assim de livro embaixo do braço "Ah, você já leu esse tal autor aqui? Ele fala assim, assim,

assim...". Mas essa prática livresca não chega na sala de aula. Daí entra aquele comentário clichê: "A quebra de paradigma dá muito trabalho". Dá mesmo! Dá mesmo, tem que mexer com tudo, então, a mudança não deveria vir de baixo para cima, deveria vir de cima para baixo: Mexe com universidade, ensina os futuros professores com métodos diferenciados, e aí depois a coisa vai se instaurando. Mas não de baixo para cima: A criancinha vai servir de cobaia para um cara que sequer sabe fazer o negócio.

Pesquisadora: Sim... porque o professor fica desesperado e a criança abandonada.

Resposta: Exatamente, bem isso. Nossa, numa reunião que a gente fez, do Fundamental II, eu acho, a nossa coordenadora foi mostrar para nós o que eram aqueles, a nova LDB, e outros documentos que vieram de como a escola deve seguir com o ensino dela. Aí você lia e dizia: "O que isso quer dizer? Não dá para entender nada". É uma coisarada que parece um monte de palavras difíceis, que foram agrupadas e não querem dizer nada juntas.

Pesquisadora: Sim, só um termo elaborado

Resposta: Exatamente. E essa reforma toda que eles fizeram, tanto do Fundamental anos finais quanto do Ensino Médio, está assim. Tem colegas que escrevem coleções para o Ministério da Educação, para vender para as escolas públicas e tal, e teve uma que fez uma coleção de língua portuguesa. Quando ela estava terminando de escrever, veio a reforma e o trabalho dela foi todo jogado fora, ela teve que reiniciar tudo. Aí ela disse: "tem coisas que no 4º ano, a professora pedagoga que está ensinando no 4º ano, não vai ter condição de ensinar sem uma faculdade de língua portuguesa"

Pesquisadora: Ah sim, das atribuições que mudaram?

Resposta: Isso, porque isso é ensinado lá no 6º ano com o professor especialista. Na faculdade, a pedagoga não vai aprender isso aqui, e aí como que ela vai ensinar? Ela vai ter que morrer estudando, para poder ensinar. E essa reforma já foi aplicada na Escola 1, essa já. No Fundamental Anos Iniciais e no Infantil; Infantil e Fundamental Anos Iniciais já tem. Mas eu via professoras chorando, de desespero, correndo atrás das professoras especialistas dizendo "Pelo amor de Deus, me explique isso aqui. O que é um objeto direto e indireto".

Pesquisadora: É, isso é uma das coisas que iria abordar, mas acabou ficando muito extenso, isso do antecipar as crianças. Colocar a criança do jardim que agora precisa escrever o nome e saber ler a todo custo. Como que isso implica no desenvolvimento

da criança, mas também na atuação do professor. Cai justamente nisso, professoras que de repente se veem em uma outra dinâmica, tendo que cumprir com aquilo e com crianças que não estão preparadas ainda para aquele conteúdo.

Resposta: Isso mesmo. Tiraram da criança o direito de ser criança. Sabe? Aquela coisa de que vai para a escola para aprender a escrita fina, para ter domínio, para depois você passar por todos os outros processos naturais do aprendizado, que dão certo e que não merecem ser retirados, mas aí não, já toca a criança lá, vai aprender o seu nome, e daí: "Cadê a brincadeira profe? A gente não vai no parquinho hoje?". Não dá tempo mais, para você passar 20, 30, 50 minutos de parquinho. Você vai ter 10 minutos de parquinho porque você precisa aprender isso aqui em 'x' tempo, porque vem um outro objetivo ali à frente. É complicado. Eu acho...eu não sou especialista no ensino infantil, mas eu acho uma judiaria o que estão fazendo com o professor e com o aluno.

Pesquisadora: É, é um massacre né? Dos dois lados...

Resposta: Massacre, intelectual total. Nossa, coitadas das profs. Eu estava dando aula, já na pandemia, estava dando aula para uma turma da 1ª série do médio. Eu estava explicando a formação de desertos, e uma das meninas lá, a mãe dá aula, acho que para o 3º ou 4º ano, não vou lembrar. Depois, ela me manda um e-mail, ela trabalha no colégio comigo, ela me manda um e-mail falando assim: "proveitei a tua aula todinha, eu aprendi como se forma um deserto porque eu tenho que ensinar para os meus alunos". Meu! O que é isso? Meu Deus, o que uma criança pitchutchuca de 3º/4º ano vai ter que aprender como que se forma deserto. Imagina a cabeça de uma criança dessa pensar o que é uma corrente marítima fria, num oceano, o que é uma cordilheira no continente e que vai gerar deserto. Não cabe né? Eu fiquei indignada, indignada, com essa tal dessa reforma aí que fizeram e estão fazendo.

Pesquisadora: E aí, para o professor, não é uma questão de escolha né? Eu imagino o conflito que é isso, você ver que está massacrando a criança, que aquilo não faz sentido para ela, que ela sofre, mas o professor, de sua parte, tem que cumprir com aquilo, porque se não ele vai ter que dar uma satisfação do porquê que ele não atingiu o conteúdo.

Resposta: Exatamente, e correndo o risco de perder o emprego.

Pesquisadora: E aí o meu tema fica nisso, porque o professor tem que fazer tudo isso e aí lá no PPP da escola diz que a escola promove o desenvolvimento integral dos alunos.

Resposta: É, nossa! Eu sou honesta em te dizer. Eu não sei quem é o ministro da educação ultimamente. Mas, eu tô vendo que não está acontecendo nada, ou seja, a gente está em meio a uma pandemia, no começo estava todo mundo com medo da aprovação de quem não merecia e agora, de certo vai aprovar, e isso em todo os patamares da educação, no ensino infantil até o superior. Daqui cinco anos, quando, no ensino superior saírem aprovados nas diferentes áreas. Então, aonde que vai estar o engenheiro que não conseguiu ir no laboratório, o médico que não conseguiu ir para o laboratório, os professores que não conseguiram fazer um estágio adequado, porque vai fazer estágio como na pandemia? Então, infelizmente, nós não temos um plano A e não temos um plano B e para não arranjar problema, toca todo mundo para frente. É igual carro quando bate. Essa mão de obra vai sofrer sequelas seríssimas por conta dessa falta de investimento em educação. Essa universidade em que eu estudei, ela estava perdendo um monte de alunos, porque ela é privada. Aí, existe uma prática em Odonto, em um dos dentes lá, que para o dentista ter uma boa formação, para resolver esse problema, ele precisa de aproximadamente cinquenta execuções. Para a universidade economizar, ela já tinha baixado para vinte e cinco. Agora, no período da pandemia, pense, são quatro, quatro práticas no tal do dente lá, porque está saindo um monte de gente que não está conseguindo manter a mensalidade, então ela está precisando demitir professores para não ter comprometimento né, então reduziu para quatro práticas. Daqui a pouco você vai no dentista e o cara está anestesiando a sua bochecha e não o seu dente. Meu Deus que vontade de chacoalhar tudo e começar tudo do zero.

Pesquisadora: É, vamos ver né... A gente tem essas utopias no final das contas né, e vejo que o meu projeto é um pouco isso. Uma idealização de quem sabe, algum dia, ser uma pontinha de um movimento de mudança.

Resposta: É, eu ainda tenho essa esperança sabe, de que profissionais saiam agora, por exemplo, da universidade e não parem o processo de pesquisa, de estudo e que vão subindo, vão galgando, vão subindo, para chegar lá em cima e tirar um pouco esses mausoléus que estão lá e fazer um pouco as coisas acontecerem, sabe? Então, conversando com adolescentes que vão fazer intercâmbio. Os caras, nos EUA, eles não estão nem aí para geografia do Brasil, não, eles buscam seu país e eles esmiúçam o seu país. Toda aquela coisa de aulas, ah, hoje você vai ter boliche, que é opcional, você vai ter fotografia...trabalham estratégias de socialização e tudo o mais. A gente sabe que nem todo mundo leva a sério, tal qual como aqui no Brasil.

Mas é que são culturas muito diferentes. Se você trouxesse isso para o Brasil e isso fosse implantado aos poucos, com microempresa: a, você quer fazer aula de fotografia, então a gente vai inovar, a gente vai trazer um projeto, vai abrir uma empresa, você vai achar um diferencial que no mercado não tem, e você vai empreender nisso. Então, você utiliza o aprendizado, a socialização, você vai ter que saber matérias normais do currículo, mas você já está direcionando os adolescentes para o mercado de trabalho. Não precisa de curso técnico, não precisa formar um monte de técnico em eletrônica, em metalmeccânica, em não sei o quê, mas procura os nichos de mercado e investe neles, para melhorar até a economia da própria cidade. Se não vai ficar cheio de eletricista, cheio de mecânico, de marceneiro e a cidade vai ficar patinando nisso o tempo inteiro.

Pesquisadora: Ah é, até uma dúvida que me ocorreu agora. Sobre a Escola da Ponte, você fez uma graduação mista? Você conheceu e teve uma vivência na escola?

Resposta: A gente estudou a Escola da Ponte, mas eu não pude ir na escola porque eu não tinha perdido o meu vínculo trabalhista com a Escola 1. Então o que eu fazia, era todos os módulos do mestrado que eu podia no Brasil e ia separando os módulos de Portugal, porque quando eu ia para Portugal, eu tinha que fazer todos os módulos lá. Então eu tinha que ficar lá 15/20 dias e voltar para o Brasil para trabalhar. Então quando eu ia para lá eu não tinha muito tempo e Porto e Lisboa não fica muito perto e eu acabei não conhecendo a escola, só por vídeos, pelos professores e professoras do mestrado e tal, mas o que eles mostravam lá para a gente dava vontade de largar tudo no Brasil e ir embora para lá. E daí eu não consegui visitar *in loco*, mas a gente debateu muito e estudou para caramba a Escola da Ponte. É muito legal sabe, é sonho.

8. As normas e leis de nosso país (Brasil) relacionadas à educação contribuem para que a Educação Integral se efetive?

Não, nem um pouquinho eu acho. Porque é muito conteúdo, o Ministério da Educação coloca uma lista imensa de conteúdos, as formas, no papel são lindas, mas na prática elas não dão certo. A impressão que dá, é que, por exemplo, a reforma do ensino fundamental e ensino médio foram escritas por pessoas que não têm experiência de sala de aula. Então é lindo você dizer que vai ter ensino integral, ensino técnico e etc. Agora, se essa criança, se na escola dela só vai ter o ensino técnico de uma área que ela não quer, ela vai ter que estudar a força. Se na escola dela não tem o ensino

técnico que ela quer, ela vai ter que sair da área dela, ou, não vai ter um ensino técnico, mas o ensino regular, ela vai ter que sair da área dela, para ir para outro para poder estudar. Então, no papel atende a uma expectativa fantástica, mas que não é a realidade. O objetivo não é... o que eu penso: Se você quer mexer com um país, em todos os aspectos tá, todos; político, econômico, social, etc., você tem que mexer com educação. Se mexer demais com educação, esse povo vai pensar. Pensando, vai ficar difícil de manter as regalias de muitos dos nossos representantes políticos, porque as pessoas vão optar por trocá-los, substituí-los; então, "vamos fazer uma pseudomudança, vamos deixar tudo no papel bonitinho.", mas que não tem condição de manter na prática, até porque você tem que fidelizar o professor em uma escola. O professor, ultimamente, tem que ter três empregos para poder ter uma condição bacana de vida. E daí, o que vai ser deles? Ele tem que largar dois empregos para ficar em uma e reduzir a qualidade de vida dele. Então, não tem essa preocupação em formar um bom profissional, dar possibilidade à escola, principalmente pública, de sustentar uma boa educação, e transformar essa teoria em prática de fato. Aqui nós temos uma boa educação. Porque a base não foi bem estruturada, então... A gente foi olhar o currículo *lattes* de quem fez a reforma do Ensino Médio. Só tinha doutor, doutor, doutor, nenhum com prática em sala de aula, então, a realidade de sala de aula está muito distante deles, não está... mesmo a escola privada, está muito distante disso.

Pesquisadora: Não há espaço para tudo isso, para essa estrutura?

Resposta: É, exato! Porque eles querem dividir isso em blocos de conhecimento, tipo Enem. Mas o que que educação física tem a ver com inglês, tem a ver com português ou com artes? Ou seja, não podemos deixar os professores de educação física desempregados, nem os de arte. Então nós vamos criar um bloco aqui, que é um bloco que vai agregar língua inglesa, arte e educação física, e se virem para fazer projeto, interdisciplinar, e que agregue essas três áreas. É impossível, tem que ter muita estrutura, muito embasamento teórico para dar conta de tudo isso.

Pesquisadora: E o papel aceita tudo né? Aí, qualquer coisa, põe a culpa no aluno, no professor...

Resposta: Exatamente, ou o outro extremo: faz um negócio no modo "Vai Brasil", e finge que é aquilo que que está no papel e ó, conseguimos, está tudo bonito aqui ó. A educação no Brasil é uma catástrofe, infelizmente é uma catástrofe.

APÊNDICE C – ENTREVISTA: PROFESSOR B

1. Como definiria Educação Integral em suas palavras?

Considero que é a educação que se preocupa com a formação do aluno como um ser humano integral, procurando levar em conta os aspectos socioemocionais, cognitivo, físico, cultural e econômico. É pensar além dos currículos escolares!

2. Como o professor contribui para o desenvolvimento completo do aluno?

O professor que acredita neste tipo de proposta precisa ter um olhar mais atento e abrangente sobre seus alunos, visto que neste tipo de proposta devemos observar o estudante além dos conhecimentos acadêmicos. Propostas como sustentabilidade, educação financeira, alimentação saudável, saúde, economia da água, educação para a paz, entre outros, são alguns dos temas que o professor pode explorar no seu dia a dia no ambiente escolar, contribuindo para o desenvolvimento completo do aluno.

3. Que atividades você desenvolve para que este desenvolvimento integral de fato aconteça?

Como faço parte de uma equipe de coordenação, selecionamos temas pertinentes aos que já foram citados para promover o desenvolvimento integral dos alunos. Por meio das ações que a escola propõe aos professores, conseguimos colocar estas ideias em prática, como: economizar água; fazer o descarte adequado do lixo; participação em campanhas de solidariedade; incluindo pesquisas e conversas sobre os temas que estão sendo contemplados.

4. Recomendaria / mencionaria alguma metodologia específica que promova a educação integral da criança/adolescente?

Acredito que as metodologias ativas e principalmente a modalidade de projetos atuem de forma positiva e efetiva para promoverem a Educação Integral dos alunos, visto que colocam os alunos como protagonistas do seu saber.

5. É possível medir o desenvolvimento dos alunos? Como esse dimensionamento é realizado na instituição em que trabalha?

Por meio de observações das ações e atitudes dos alunos é possível dimensionar o seu desenvolvimento quanto à Educação Integral. Por se tratar de alunos pequenos a

parceria com a família é fundamental neste processo. Mesmo assim no nosso dia a dia conseguimos perceber e observar o quanto nossos alunos são engajados com o meio ambiente, se preocupam com o outro, e replicam as ações vivenciadas na escola junto aos seus familiares.

6. Os instrumentos atuais de verificação de aprendizagem permitem medir esse desenvolvimento integral?

Na minha opinião isto não é levado em conta nos instrumentos atuais de verificação de aprendizagem. Esta análise precisa ser realizada pelo corpo docente em geral e todos que trabalham na escola; discutida em reuniões, fazer debates e fóruns com os alunos, para verificar se os aspectos inerentes ao desenvolvimento integral dos estudantes estão sendo contemplados.

7. A instituição em que trabalha possibilita uma atuação voltada para a Educação Integral (no aspecto desenvolvimento, não tempo ampliado)?

Sim. Atendemos na grande maioria crianças de educação infantil (0 a 6 anos), mas desde cedo temos como princípio promover na escola, propostas explorando temas relacionados à sustentabilidade, meio ambiente, saúde, entre outros, sempre em parceria com as famílias, e algumas ações envolvendo campanhas de solidariedade. Conversar sobre assuntos atuais, sobre o dia a dia das crianças ouvindo com acolhimento suas ideias e pensamentos, também é uma das formas de atuarmos neste sentido. E como utilizamos a metodologia ativa de projetos isto é possível no nosso cotidiano, porque o aluno se torna o grande protagonista da sua aprendizagem.

8. As normas e leis de nosso país (Brasil) relacionadas à educação contribuem para que a Educação Integral se efetive?

Percebo que existem muitas leis e ações que idealizam a Educação Integral, mas em poucos lugares do nosso país, isto é colocado em prática! Na própria BNCC é citado que o estudante deve ser formado e desenvolvido em sua globalidade, portanto quanto às normas e leis isto já é previsto. Mas infelizmente nos falta infraestrutura e espaços suficientes para que esta proposta seja efetivada, além de formação adequada ao professor, visto que os cursos de pedagogia pouco abordam este tema. O que dizer de governantes que deixam seus alunos por mais de nove meses sem frequentar a escola, por falta de infraestrutura? Na minha opinião isto é falta de

preparo quanto ao tema "Educação Integral". Se tivessem o mínimo de noção sobre o quanto fez falta para a maioria dos alunos frequentar a escola, que não é um local que serve apenas para aprender conteúdos relacionados aos Componentes Curriculares, mas para conviver, socializar e aprender com as diferenças, itens essenciais em uma Educação Integral, já teriam liberado o reinício das aulas, e promovido o maior bem que uma escola pode oferecer: o convívio e a troca de saberes!

APÊNDICE D – ENTREVISTA: PROFESSOR C

1. Como definiria Educação Integral em suas palavras?

Educação integral ela educação num todo, envolvendo não só a sala de aula, mas envolvendo todas as relações do aluno dentro e fora da escola.

Seria você trabalhar com todos os conteúdos de maneira interdisciplinar e no período integral dos alunos, que seria: ele iria para a escola de manhã e à tarde, então ele teria atividades o dia inteiro para ter essa aprendizagem dos conteúdos, integrando com o dia a dia deles fora de sala de aula, com a realidade do dia a dia.

2. Como o professor contribui para o desenvolvimento completo do aluno?

Tive um colega que trabalhava com matemática, que ele falava que eles tinham de manhã aula normal e à tarde eles tinham oficinas referentes aos conteúdos, então vamos supor: eles trabalhavam divisão em matemática no período da manhã e trabalhavam à tarde com aulas de laboratório em matemática. Na Escola 3.1, a gente tem aulas de laboratório, praticamente todas as disciplinas, principalmente português, matemática, e ciências, química, física, isso aí a gente tem e é interessante, mas a gente engloba durante e aula normal sabe, então as atividades diferenciadas em relação aos conteúdos que eles têm. E é muito interessante, eles gostam muito. A participação é boa, nossa! Eles ficam aguardando as aulas lá. Ano passado a gente trabalhou com os estados físicos da matéria. Estava um frio! Acho que foi a semana mais fria que teve do ano passado. Aí eu levei geladinho. Sabe aqueles geladinhos para criança? Depois que eu me liguei no final, eles pegavam com a manga do casaco, puxavam com a mão para poder pegar o geladinho... Mas eles nunca esqueceram a tal da situação, né?

3. Que atividades você desenvolve para que este desenvolvimento integral de fato aconteça?

Olha, vamos pegar um exemplo que eu fiz agora, esses dias, esses dias atrás. Eu estava trabalhando com pirâmide alimentar. A gente fez um estudo, o que eles comem, o que é vitaminas, proteínas, sais minerais, e aí eles tinham que montar como que era a vida deles, como que eles comiam, eles montarem ali. Então foi bem interessante que saíram... tem gente que come o mínimo possível, outros só porcaria,

outros mais ou menos, então a gente vê ao montar e foi bem interessante, você trabalhar o conteúdo dentro de sala de aula e aí você traz a vida deles ali.

Pesquisadora: puxa...até para eles fazerem uma reflexão né?

Resposta.: É, o que come, o que não come né? Foi bem interessante porque aí, ainda mais lá na escola 3, a gente tem alunos que são alunos que são jogadores de um time de futebol, então daí você vê que a alimentação deles, como eles são novos, 7º/8º ano, eles vêm de famílias pobres e aí como eles tinham salarinho, eles queriam Madero, queriam não sei o quê, eles estão no auge do consumismo mesmo de não comidas tão saudáveis, mas de comer coisas diferentes. Como eles não tiveram oportunidade de comer isso antes, não tinham condições, agora como eles estavam recebendo, eles foram consumir o que tinha de novo né. Porque podiam pagar.

4. Recomendaria / mencionaria alguma metodologia específica que promova a educação integral da criança/adolescente?

Primeiro o espaço físico. Isso teria que ter e também, de repente, seria assim, não abrir a cabeça como a gente diz né, mas as pessoas aceitarem mais as condições que a gente pode trazer, o dia a dia, a vida do aluno, a vida dos alunos em geral, para a escola. Não precisa ficar só naquela do conteúdo: eu tenho que aprender, vamos supor, divisão, mas é só divisão, daquela maneira. Eu posso abrir, como ensinar a divisão de várias outras maneiras, e não cobrar uma coisa só sabe? Eu posso trabalhar de uma maneira diferente em todas as matérias, não só na matemática vamos supor, mas eu posso trabalhar em ciências, português, em todas as outras vou trabalhar com o mesmo objetivo ali, atendendo ali e integrando tudo isso.

Ano passado quando eu trabalhei com reforço em matemática, desde o 6º até o 9º eu tinha um problema bem sério em relação ao 8º ano, se não me engano, que os alunos faziam divisão de uma maneira e o professor não aceitava daquela maneira, ele queria no processo longo! Mas gente, o 8º ano teria que estar tendo cálculo mental! Então eles diziam, reclamavam: "Professora!", então eu dizia assim: "olha, vocês fazem e aí para entregar para o professor vocês fazem do jeito dele". Acho que é uma coisa que não precisava fazer né? Mas como esses alunos eram meus alunos no 6º e no 7º em ciências, então no 8º eles tinham condições de, essas condições do que é certo e o que é errado porque a gente já conhecia o andamento deles e sabia como eles poderiam avançar, então é um trabalho contínuo né, não é uma coisa que você vai

chegar hoje ali e exigir daquela maneira, então você pode fazer um trabalho contínuo na escola.

5. É possível medir o desenvolvimento dos alunos? Como esse dimensionamento é realizado na instituição em que trabalha?

6. Os instrumentos atuais de verificação de aprendizagem permitem medir esse desenvolvimento integral?

7. A instituição em que trabalha possibilita uma atuação voltada para a Educação Integral (no aspecto desenvolvimento, não tempo ampliado)?

Não tem a possibilidade, mas a gente tenta da mesma maneira sabe, conciliar como se eles estivessem, como se fosse na educação integral: o dia a dia deles e as experiências que a gente tem, tenta colocar os conteúdos, tentar colocar ali, só que hoje em dia é difícil, hoje em dia que eu digo é antes da pandemia né? Porque... de você mandar atividades para casa. Como é que você ia fazer? A maioria das crianças não tinha condições, que nem na Escola 3.1, tem alunos que vêm de manhã e retornam depois das 18:00h, quando acaba a aula, então eles chegam em casa tipo oito horas da noite. Então eles só vão dormir em casa, porque eles fazem atividades esportivas, de artes e não sei o quê, então... mas não que seja relacionada àqueles conteúdos, são oficinas próprias tipo basquete, teatro, eles ficam na escola mas não que eles têm relacionado com o conteúdo próprio das disciplinas ali, então é difícil né, a gente, você conciliar tudo.

8. As normas e leis de nosso país (Brasil) relacionadas à educação contribuem para que a Educação Integral se efetive?

APÊNDICE E – ENTREVISTA: PROFESSOR D

*Atuei no Ensino Fundamental - Anos Finais, de 1989 a 2007, e no Ensino Médio de 2001 a 2007. Também, na Coordenação de 1ª a 4ª série, na época, hoje 1º ao 5º ano (2004 a 2007).

1. Como definiria Educação Integral em suas palavras?

Uma educação que atenda cada um na sua especificidade, na descoberta da aptidão, nos desafios da jornada pela vida, que não são poucos. Do crescimento individual, nas relações sociais, tão precárias nos jovens; na saúde, no potencial de cada ser, o que poderá ser desenvolvido e o que almeja alcançar; enfim um olhar em todos os âmbitos da vida, não somente no intelecto, partindo do indivíduo, com capacidades e dificuldades, do “microsocial”, ao ponto de vista macro, econômico e cultural e que possa ser útil na comunidade em que vive. O educador deve exercer um papel fundamental como um guia, íntegro, como um exemplo a ser seguido e com capacidades de avaliar o desempenho de cada ser humano a ele confiado. Acompanhar e ampliar o conhecimento intelectual, promover segurança, proporcionar um desenvolvimento saudável, estabelecer um vínculo de confiança e sobretudo fazer diferença na vida de cada um.

A comunidade escolar, com participação ativa, equipe pedagógica, profissionais da educação e a família com interação, também são fundamentais para uma educação integral.

A metodologia a ser aplicada também é de suma importância, a didática a ser seguida é o norte para o sucesso de uma educação integral.

2. Como o professor contribui para o desenvolvimento completo do aluno?

O professor é de fato um educador? Tem vocação? Respondidas essas perguntas, poderia-se encontrar um método adequado, uma pedagogia estruturada com um olhar amplo em todos âmbitos, com foco no ser humano, não apenas baseado apenas no intelecto como é no método tradicional.

3. Que atividades você desenvolve para que este desenvolvimento integral de fato aconteça?

Não atuo em sala de aula há muito tempo. Já na época, me via encurralada, solitária, sem “armas em uma guerra”. Diversos problemas familiares apresentados pelos

alunos, conflitos emocionais vividos em casa, e muitas vezes as crianças eram “despejadas” na escola, e em muitos casos sem um alimento adequado.

Chegavam no ambiente “obrigatório”, se deparavam com temas nada atrativos, se ministrados pelo viés do intelecto frio proposto pelas escolas tradicionais. Polinômios, por exemplo. Por mais importante e fundamental para o ensino da matemática, precisa se levar em conta que são alunos de 7ª série, hoje 8º ano, estudando álgebra... o docente precisa estar muito bem preparado para conquistar o olhar de um adolescente. Privilegia-se a abstração, sem a prática, a voz do professor ecoa no deserto, e poucos se sentem motivados. Chove reprovações, porque o aluno não está sendo contemplado integralmente.

Me esforçava o máximo para trazer a matéria de forma dinâmica, com interação, ludicidade, tive a sorte de contar com o apoio da direção, ou das direções das instituições que trabalhei, com materiais disponíveis, dentro das condições... mas os resultados eram pífios... diante dos desafios de vida de cada um... impotência, pelo método tradicionalista, ineficácia e fracasso educacional... e com grandes chances de adoecer. Com essa experiência que tive, a maior parte no Ensino Fundamental decretei a falência do método tradicional, que privilegia apenas o intelecto.

4. Recomendaria / mencionaria alguma metodologia específica que promova a educação integral da criança/adolescente?

Sim, recomendaria a Pedagogia Waldorf.

5. É possível medir o desenvolvimento dos alunos? Como esse dimensionamento é realizado na instituição em que trabalha?

No tradicional, é muito difícil... depende de vários fatores. Equipe pedagógica, direção e famílias presentes.

6. Os instrumentos atuais de verificação de aprendizagem permitem medir esse desenvolvimento integral?

Do que vivenciei e me lembro o importante era: “ter boas notas”, “passar de ano”, “ser um bom aluno”. O Conselho de Classe era soberano e com poder decisório sobre a aprovação ou não, caso não alcançasse a nota mínima. Me perguntava com frequência nessas reuniões: será que a falha não foi mais minha, por não atingir esse aluno? Qual o motivo de fato? Falta de vontade? Capacidade intelectual? Que impacto

teria na sua vida... muitos questionamentos surgiam... a metodologia escolhida pelo educador é fundamental. As verificações só são válidas se analisadas e com parâmetros definidos, ações pontuais para avançar e como ponto de partida para validar o método, o professor e sobretudo auxiliar o aluno.

7. A instituição em que trabalha possibilita uma atuação voltada para a Educação Integral (no aspecto desenvolvimento, não tempo ampliado)?

Todos devem estar envolvidos, quando de fato há uma educação integral. “Uma andorinha só não faz verão”, diz o ditado. Família, equipe pedagógica, comunidade escolar e professor precisam atuar integrados. Caso contrário não vejo possibilidade. Embora, haja boa vontade de alguns...impossível quando cada um tem uma metodologia própria.

8. As normas e leis de nosso país (Brasil) relacionadas à educação contribuem para que a Educação Integral se efetive?

Não. A legislação assegura muitos direitos... há vastas normas, no entanto, as obrigações não seguem um parâmetro equilibrado, não vejo uma contribuição efetiva, na prática.

Se as Leis fossem efetivas haveria tanta violência nos ambientes escolares? Evasão, reprovações, desinteresse, vemos um desfile de profissionais atacados fisicamente por seus alunos. Infelizmente, os alunos são números...não são vistos como indivíduos.....o comportamento humano não é considerado, fica em segundo plano, o importante é passar de ano, ou melhor, no vestibular. As leis são inócuas diante desse cenário.

APÊNDICE F – ENTREVISTA: PROFESSOR E

1. Como definiria Educação Integral em suas palavras?

Então, eu não consigo conceber que existe alguém educando outro alguém. O que eu consigo ver é que todo mundo, nesse mundo, está em um grande processo de autoeducação. E a gente só aprende, mesmo desde criança, se a gente tem esse desejo bem motivado dentro de nós de querer realmente aprender alguma coisa. Então partindo dessa premissa, a pessoa que mais aprende integralmente é o professor. Então é a gente que faz um caminho de educação integral conosco primeiro. Se eu quero que os meus alunos possam vivenciar todas as suas habilidades, eu também preciso me autoeducar e potencializar aquilo de ser humano que existe em mim, em vários âmbitos, principalmente em três deles: no âmbito das ciências, que é o âmbito intelectual, que é o âmbito cognitivo, que é onde a gente vai estar estudando todo tipo de conhecimento que a humanidade já produziu. Então esse âmbito das ciências, de todas as ciências: as ciências humanas, as ciências sociais, as ciências dos raciocínios lógicos, todas elas compõem um aprendizado que a gente precisa desenvolver primeiro em nós. E, o segundo âmbito é o âmbito do ser humano artista e artista no sentido que tudo ele pode desenvolver com as próprias mãos. Música, pintura, escultura, bordado, artesanato, tudo o que eu posso esculpir, o que eu posso construir: arquitetura, então todo esse lado do ser humano, do porquê ele tem as mãos livres né? Porque ele não precisa se apoiar com as mãos no chão como os animais, isso faz dele um ser humano por completo, quando ele se desenvolve nesse âmbito e esse âmbito carrega em si determinadas inteligências: espacial, sonora, da fala, então ela está toda voltada para esse lugar: a gente estuda poesia, declamação, oratória, tudo isso além das mãos, trabalho com a fala, com o canto, tudo isso é desse ser humano artista e artesão. O terceiro é o da religiosidade, onde entendo que faço parte de um propósito de vida que começou antes de eu nascer e vai continuar depois que eu morrer. E trabalhar essa imagem de um ser humano que tem todo esse potencial, e leva daqui alguma forma de aprender com o mundo e com o que fez. A partir de ter esses três âmbitos bem desenvolvidos em mim, posso despertar nos meus alunos a vontade de se desenvolverem nessas três áreas de forma muito completa

2. Como o professor contribui para o desenvolvimento completo do aluno?

Primeiro quando ele entende que seu autodesenvolvimento depende de ele ter uma visão muito completa do ser humano e não uma visão limitada. A segunda forma é quando o professor entende que ele não é um reproduzidor de absolutamente nada, mas um indivíduo parte da criação. Então ele é um indivíduo criador. Quando eu crio o conteúdo que eu trabalho com os meus alunos, eu estou desenvolvendo em mim todas essas capacidades porque eu tenho que ter as ciências, as artes e o espírito à minha disposição para poder desenvolver tudo isso. E mais que tudo isso, é eu ter presença de espírito de lidar com as situações em sala de aula que me mostram que estou apta para aquilo que eu estou fazendo e os meus alunos enxergam em mim: ali sim, um ser humano íntegro que pode responder qualquer desafio porque sabe o que está fazendo. Isso é mais importante do que qualquer coisa. Se me imagino como um professor criador e não um ser humano reproduzidor do conhecimento de um terceiro, ou o professor que recebeu uma apostila e precisa cumprir uma grade, ou que se bitola só em um desses três aspectos que eu lhe falei, e isso atua sobre ele, ele está sendo limitado. Então como ele vai desenvolver uma educação integral se ele mesmo não se permite movimentar em todos esses lados aí. Isso sem falar que a escola é um lugar por excelência justamente para o desenvolvimento de todas as formas de inteligência e infelizmente as escolas têm desenvolvido apenas uma ou duas formas de inteligência então, isso não contribui de forma alguma para que nenhum ser humano tenha uma formação integral. Porque se não é um professor que leva o seu trabalho dessa forma, quem vai receber uma educação integral? E como vamos ter seres humanos íntegros?

3. Que atividades você desenvolve para que este desenvolvimento integral de fato aconteça?

Posso responder de forma bem prática. Quando a gente recebe os nossos alunos no primeiro ano, a gente já está comprometida com uma educação integral, porque eu não vou chegar no final do ano e dizer para o próximo professor: "ó, isso aqui eu dei conta, isso aqui não dei, se vira". Eu continuo com aquela criança no ano seguinte e no outro, e no outro, e no outro. Então, se eu tentei desenvolver com uma criança alguns conteúdos de qualquer área dessas três que eu te falei, e essa criança não conseguiu achar o estímulo para se autodesenvolver dessa maneira, o que eu vou ter que fazer? Eu vou ter que achar outras formas. E aí, no ano seguinte talvez eu não tenha conseguido, e aí eu vou ter que achar outras formas. E isso faz com que a gente

tenha que ressignificar e reinventar a nossa profissão a todo tempo nesse caminho. A outra coisa é assim: se eu sei que o meu aluno tem múltiplas inteligências, toda a forma que eu penso o dia, o planejamento de aula, tem que valorizar, eu tenho que conseguir, em diferentes momentos, acessar todas elas, e se eu não fizer isso, eu vou estar aquém do meu dever perante essa criança e perante a humanidade, que espera que essa criança consiga alcançar determinados objetivos. O que uma aula tem que ser para conseguir fazer isso? Ela tem que ser diversificada, só que ela não pode ser como as mídias, que a cada segundo aparece algo diferente, e desconexo! É preciso ter um fio de ligação, que é o mesmo do nosso fio biográfico, que nos faz chegar aqui, ir embora daqui e voltar para cá. Então a aula também tem um fio biográfico e precisa ser desenvolvida em três âmbitos: tem que atuar sobre o pensar, a criança precisa desenvolver pensamentos próprios, precisa se desenvolver no raciocínio, precisa lidar com o conhecimento intelectual, isso é importantíssimo para ela, ela precisa se sentir autônoma nas próprias ideias, construtora da sua própria biografia, tem que lidar com o âmbito do sentir, porque nenhuma criança, e arrisco dizer que também nenhum adulto, aprende se não for tocado pela alma, pelos seus próprios sentimentos, pelo seu lado emocional, então eu preciso trabalhar nesse âmbito, ele precisa vir à tona e o 3º âmbito é o do trabalho, o do querer, o do produzir, é aquilo que eu faço com as minhas próprias mãos, é aquilo que quando eu termino eu penso puxa, fui eu que fiz! E isso me diz assim, então eu consigo dominar o mundo! E é isso que eu quero que a minha criança tenha. Ela tenha autonomia, e uma autonomia que não é uma falsa autonomia, que é o adulto que vai lá e conduz e ela pensa que foi ela. Não é isso! É uma autonomia dela a partir de seu próprio momento de vida. E aí quando ela enxerga que ela mesma conquistou, aí sim isso teve sentido. Então a aula tem primeiro esses três eixos: eu preciso ver que foi desenvolvido em uma manhã, em um encontro, o pensar o sentir e o querer; em uma aula, em uma matéria, o pensar o sentir e o querer no sentido no atuar, não no desejo de produzir. Se eu fiz tudo isso, a criança já conseguiu se movimentar, tanto intelectualmente quanto com o seu corpo físico, ela conseguiu se relacionar, porque ela foi tocada na questão das suas próprias emoções, o seu ambiente anímico. Então eu já fiz uma conquista indo por aí, mas tem mais uma coisa importante! O ser humano, principalmente nessa fase escolar, ele está muito ligado a três momentos da respiração: inspirar, absorver e expirar. A gente tem três momentos, então as nossas aulas deveriam estar permeadas de respiração: A criança tem que ser estimulada a absorver e a espalhar, a se contrair, a pensar e estar ali e

atenta e ao mesmo tempo depois poder sair correndo e brincar com tudo isso e vivenciar isso no jogo, no lúdico, enfim. Então, esse trabalho de respiração da aula faz com que a manhã seja leve. Quanto mais leve a amanhã de aprendizado da criança for, mais ela vai querer aprender, quanto mais ela aprender, mais ela vai querer se desenvolver, em todos os âmbitos. E não dá para eu fazer para as crianças uma salada mista, uma salada russa de coisas e fazer ela engolir: ah, eu tenho 40 minutos de português, agora eu tenho 40 minutos de matemática, 40 de física... não tem santo que dê conta de digerir tudo isso e transformar tudo isso em conteúdo próprio do seu pensamento. Então o que a criança precisa fazer nesse período? Ela precisa ter esse tempo de absorver, então uma boa aula, principalmente com as crianças menores, ela deve levar uns três dias, deve ir e voltar! Porque a criança vai levar para o sono, ela vai pensar sobre isso! No outro dia ela vai lá enxergar algo daquilo que a professora falou e aquilo vai tocar o seu coração porque ela se sentiu parte, porque houve uma compreensão. Não dá para dar todo o conteúdo em um dia e depois aplicar uma prova! Não teve tempo de vivenciar tudo isso, aquilo não se tornou propriedade dela, não se tornou o seu próprio ambiente de aprendizado. E uma última coisa que eu acho essa questão a gente poderia enveredar por ela, é que assim: ok, então eu não vou servir uma salada mista, então o que eu faço? Então hoje eu vou servir cenouras. Vou conhecer como as cenouras são, eu vou experimentar o sabor que elas têm, eu vou inventar receitas com elas. Essa degustação profunda, é a mesma coisa que acontece na escola. Então por exemplo, a gente vai ver uma época: a minha última época com os meus alunos foi zoologia. Pensa que incrível! Nós passamos três semanas só falando de bicho. A gente estudava os bichos, a gente pintou bicho, a gente foi ver bicho ao vivo, a gente desenhou bicho, a gente fez poema sobre bicho, a gente fez cálculo com os bichos que tinham na sala, a gente vivenciou isso. Então, todas as coisas, todos os sentidos da criança estavam aguçadíssimos. Teve um passarinho que fez um ninho em nosso teto de sala, então estava ali, dando comida para os seus filhotes exatamente como eu tinha mostrado. Eles estavam com os sentidos abertos para perceber isso; não estavam embotados com um excesso de informação sem sentido, dada toda ao mesmo tempo, então não tem como desenvolver um ser humano integral se você só vomita sobre ele um monte de conteúdo e pede para ele depois, desculpa, c*g&%\$ esse conteúdo em uma prova. Não tem como formar um ser humano assim. Um ser humano para ele se desenvolver integralmente ele precisa se envolver com aquilo que ele está estudando. Se ele não se envolve com aquilo,

não tem aprendizado. E a gente precisa ser esse ambiente propício para a criança poder chegar e se envolver por ela mesma. Não tem como eu impor isso para ela, ela tem que conseguir aquilo sozinha, a partir do ambiente que eu estou oferecendo propicia. Então, ele trata a distração. Vamos ter que estudar isso, e aquela matéria é outra coisa. Os professores que atuam conosco, por exemplo: inglês, música, todas essas matérias que complementam e reforçam o trabalho das crianças, elas se envolvem completamente naquilo que a gente estava fazendo. A gente teve uma época de frações esse ano e foi uma delícia! Pensa numa matemática gostosa...a gente fez um monte de receitas juntos, e a gente trazia as frutas para a frente do computador (porque a gente estava nessa vida online) né? Então a gente cortava as frutas, fracionava as frutas e anotava qual era a fração que a gente tinha usado para fazer, trocava receitas entre si, então a gente tinha que escrever né? Para o colega entender a minha receita, então a gente trabalhava a caligrafia... aí eu trabalhei o provar. O meu aprendizado entrou pela boca, dois terços de banana era muito, tinha que ser um terço só. Isso é aprender fração, ela fica rica e viva, e a relação. Então quando eu ofereci a minha receita para o meu amigo e ele fez, todo mundo na casa dele gostou, então eu me senti com vontade de criar novas receitas, porque alguém aproveitou aquilo que eu fiz. E a professora de música, cria todo um caminho na música, do tempo que os personagens que ela tinha criado lá, andavam na música: um andava um tempo inteiro, o outro andava bem mais rápido, na metade do tempo, e o outro andava beeeem rapidão, porque era a metade da metade do tempo, e tudo veio entrando, todas as matérias colaboraram para que aquilo fosse vivo. Então todas as crianças, eu lembro na última conversa que a gente teve juntos, elas falando isso "Ai professora, foi a melhor época.". Pensa se uma época de fração pode ser a melhor época do ano? Quer dizer, onde que você lembra da tua infância que essa foi a melhor? Então por isso é importante que as vivências sobreponham a massificação do conhecimento. Porque a gente tem que acreditar que os nossos alunos são capazes, a partir da observação dos fenômenos e do envolvimento emocional com eles, produzir conhecimentos sem a gente ter que dizer qual é. De eles chegarem aos próprios conceitos porque eles são seres humanos extremamente inteligentes e nós professores perdemos muito isso. Nós achamos que eles não são capazes e por isso a gente diz exatamente o que eles têm que pensar. E quando a gente puder se livrar dessas amarras, aí sim essas crianças vão ter um aprendizado integral, produzido por elas mesmas e legítimo de fato.

4. Recomendaria / mencionaria alguma metodologia específica que promova a educação integral da criança/adolescente?

Toda metodologia que eu já tive oportunidade de estudar: Montessori, freireana, Piaget, todas elas estão preocupadas com o desenvolvimento do ser humano integral. O problema é o uso que os professores fazem dessas metodologias. Então, hoje, eu trabalho com a metodologia Waldorf porque eu acredito que de todas essas metodologias é a que mais se aproxima da formação integral do ser humano. Justamente porque está preocupada em entender a biografia da criança né, desse ser humano. Em todas as eras, então a gente olha para essa biografia até a própria humanidade, dos primórdios da humanidade até os dias de hoje, por que eras esse homem passou. Então, sabemos que a criança espelha esse desenvolvimento da humanidade integralmente, então, isso é um indicativo muito grande de que realmente a gente está olhando para todo esse âmbito de corpo, alma e espírito que a criança e o ser humano têm para desenvolver aqui na Terra.

Mas eu penso também sabe, que independente da metodologia que você escolher para atuar, você precisa, se fazer essa pergunta: "Eu estou usando essa metodologia como foi pensada, de forma integral?"; "Eu estou priorizando esses aspectos do pensar, do sentir e do atuar, na minha aula?"; "Eu estou levando os meus alunos a terem vivências suficientes para serem autônomos nesse aprendizado ou eu só estou desejando terminar um ano, passar os conteúdos e ver se as pessoas decoraram aquilo que eu trouxe ou não?". Então, eu acho que tem mais haver com o comprometimento do professor do que com a metodologia. Eu fui dar uma palestra esses dias para um grupo de freireanos. Eles queriam conhecer as similitudes. E aí eu fui lá estudar o Paulo Freire, e eu adoro ele, adoro as coisas que ele traz, acho, no âmbito do trabalho com os adultos fantástico, aí pus a pedagogia Waldorf, e então eles disseram: "nossa, mas então vocês, tanto quanto nós... queremos esse desenvolvimento integral..." e eu disse: "sim, mas depende de como se aplica". Então está no ser humano que faz a educação e não a metodologia.

5. É possível medir o desenvolvimento dos alunos? Como esse dimensionamento é realizado na instituição em que trabalha?

Bom, uma das possibilidades que a gente tem de dimensionar advém do fato de a gente poder acompanhar a turma né? Então, hoje eu tenho alunos meus que lá no 1º ano caminhavam com muitas dificuldades, na coordenação motora fina. Por exemplo,

um item né, tô pincelando um item qualquer para a gente poder fazer o caminho juntas. Hoje ele consegue fazer um trabalho com papel, lápis, com uma caligrafia que é primoroso, porque teve um desenvolvimento que eu fui capaz de mensurar, porque eu fiz observações diárias dessa criança. Eu não precisei de nenhuma prova para isso. Eu tinha alunos extremamente tímidos, que não falavam absolutamente nada, eu tinha uma criança que tinha dificuldade de se expressar em português porque os pais falavam mandarim em casa. E ela me chamou, eu fui visitar todos os meus alunos, nós professores visitamos pelo menos uma vez todas as famílias ao longo do ano, eu fui visitá-los agora, na pandemia, e ela não parava de falar. Ela tinha mil coisas, ela me contou histórias! Ela disse: "professora, você veio na minha casa hoje, então EU vou contar a história!". E ela contou com uma desenvoltura que várias vezes eu olhei fundo nos olhos dela e até me emociono de te contar, de que ela se expressou em português, em português claro! Porque isso é fruto de muitas poesias que a gente declamou juntos, de muitos teatros que nós fizemos juntos, de ela me ouvir muitas vezes contando histórias, então ela conseguiu se apropriar da expressão oral e isso é mensurável. Porque eu não estou a pouco tempo com eles, eu estou a bastante tempo com eles. Então, o nosso boletim, por exemplo, que é um boletim descritivo, tem quinze páginas. Nós contamos como foi essa criança durante o ano em vários aspectos. E como ela estava no início do ano e como ela está indo para o próximo ano. Todas as conquistas, a nível de relação, crianças que têm muita dificuldade de se relacionar e brigam com os amigos e né, e são teimosos nas relações e tal e conseguem abrir um espaço anímico de que o outro aí pode se aproximar e no final do ano você vê ele dizendo: "professora, eu quero fazer um trabalho com esse meu amigo aqui porque agora eu aprendi como que eu trabalho com ele", né? Nossa, são depoimentos emocionantes em todos esses aspectos. No aspecto do sagrado, crianças que chegam sem entender nada do que acontece com a alma da gente, do que é ter consciência espiritual do momento presente, nada disso. E através das histórias, e através das canções, dos poemas e desse ritmo bem saudável de respiração que a gente faz, que eu te falei, e desse pensar e sentir e querer bem planejados do professor, essa criança começa a se relacionar com a natureza e com o mundo de uma forma sagrada. Ela te fala, ela verbaliza, ela diz assim: "Olha professora, que coisa maravilhosa que é isso aqui né? Eu sinto esse passarinho cantando dentro de mim". Então ela encontrou, ela fez um caminho sabe? Criança que não parava quieta, que não queria nem saber e tal e ela conseguiu fazer esse

caminho dentro dela mesma e uma das coisas que proporciona que a gente consiga fazer que a criança possa fazer esse desenvolvimento, é que todo o currículo que a gente trabalha é pensado para aquela fase de desenvolvimento que ela está. Então, isso faz uma diferença enorme sabe? Eu lembro muito bem de, antes de conhecer a pedagogia Waldorf, de dar alguns assuntos pros meus alunos, e os meus alunos não conseguiam digerir aquilo tudo. Olhavam para mim com caras e bocas do estilo "Professora, por que você está me ensinando isso?", porque isso não faz sentido né? E agora que eu já estou aí trabalhando a mais de dez anos trabalhando com pedagogia Waldorf, eu vejo muito isso assim, dessa importância de que o conteúdo chegue no momento em que a criança precisa. Vou te dar um exemplo prático então tá, lá entre o 7º e 8º ano, como um professor sempre conhece o nível de desenvolvimento da turma, ele vai sabendo se tem que trazer um pouco pro 7º, deixar para o 8º, ele tem essa maleabilidade a seu favor, então entre o 7º e o 8º ano, os professores dão uma época sobre formação do sistema ósseo, de como que os ossos são. As crianças desenham o esqueleto humano, você não acredita assim...desenha o esqueleto humano completo, uma coisa muito linda. Todos os ossos em formação. E as crianças ficam absolutamente encantadas com essa época, porque os ossos delas estão crescendo e elas não sabem o que fazer com o corpo, o corpo está todo desengonçado dos treze para os quatorze. Porque esses ossos tomaram uma dimensão que antes eles não tomavam. Então a atenção delas e a geração de conhecimento que isso traz para esse grupo, é enorme, porque é exatamente na fase em que elas estão. Aos 12 anos a criança enfrenta muito a família, ela está em uma coisa assim "eu já sou pré-adolescente, eu já sei, eu já consigo, você não manda em mim..." né? É uma fase bem forte. É nessa época que a gente estuda as leis romanas: Como que é feito o código do direito? Por que que isso aconteceu? Por que que o homem precisa dessas leis?

Porque elas estão pedindo pelo amor de Deus que a gente coloque leis no mundo porque elas estão sem lei. Então, assim eu poderia te dar mil exemplos, porque cada época é pensada em prol desse desenvolvimento integral da criança. Então isso também facilita para a gente ter uma forma mensurável. E não existe uma forma mais correta, ética, moral, de se fazer isso do que pela observação de um professor atencioso, amoroso e acolhedor. Não existe nenhum instrumento de avaliação decente que substitua uma observação apurada de um professor que tem seus objetivos claros com a turma, que conhece a turma, que sabe onde vai chegar. Então,

cada vez mais eu vejo que tudo o que um professor proporciona, é sistema de avaliação, é sistema de mensuração. Eu trabalhei com eles essa época que eu tava te contando né, de zoologia. E eu pedi para eles então, eles tinham cinco palitos e tinham argila. Eu falei: "Nós estudamos cabeça, corpo e membros e isso forma o estrato físico do ser humano. Só que nós temos partes duras e partes moles. A argila é a forma maleável, os palitos é o que tem de mais duro. Então, vocês vão construir um ser humano assim". A gente já tinha estudado as proporções e tal, aí falei isso. Primeira pergunta que veio: "Em que fase de vida está esse ser humano professora? É uma criança ou é um adulto?" Quando uma criança me faz essa pergunta, ela me sinaliza que ela já aprendeu. Isso, no final do 4º ano. Eu posso responder daí, mas eu respondo para ela poder fazer um trabalho prático, mas ela já me respondeu que ela entendeu. Outros que perguntaram assim: "Professora, você sabe que à medida que a gente envelhece, as partes moles vão ficando flácidas. Eu posso trabalhar com tecido para representar isso?" Professora: "Pode, claro que pode". Entende? No diálogo com a criança, ela me diz o que ela sabe e eu não preciso perguntar "Como é o corpo humano?"; "Quantas partes tem o corpo humano?". Eu proponho uma vivência. E uma vivência que intriga e que instiga a vontade delas de fazer, e aí o fato de elas irem atrás das próprias perguntas, para poder fazer o caminho, isso vai me responder o que elas sabem, e isso vale para várias áreas né?! Estou passando meio *en passant*, sem preparo aqui né, para você...

6. Os instrumentos atuais de verificação de aprendizagem permitem medir esse desenvolvimento integral?

Depende de que instrumentos. Tem instrumentos falidos. Para mim, a prova escrita já deveria...ir para um jazigo sabe, morrer lá, porque não serve para nada, e faz tempo que eu vejo que não serve para nada. Isso não significa que eu não possa inquirir o meu aluno a um conhecimento. Mas, manda um projeto para ele desenvolver aquele conhecimento para você saber se ele aprendeu ou não; é muito mais vivo, e vai ser muito mais útil na vida dele também. Então essa metodologia que você tem um exercício pronto, que te conduz para você dar uma resposta... não avalia nada. Seja ela através de apostila, de prova... Eu não sei por que as pessoas insistem nisso. Acho que é porque deve ser fácil. Você entrega e as pessoas preenchem, deve ser por isso. Agora, eu acredito muito numa metodologia por projeto, em qualquer tipo, qualquer pensador que tenha trazido ela, você vai perceber isso assim, que a

metodologia por projeto ela instiga todos os campos do saber, visa à expressão, então nesse sentido sim esse tipo de instrumento é muito válido. Ele vai sim avaliar muito bem, então vai depender de onde que você está atuando para você ver que tipo de instrumento está sendo utilizado lá. A gente tem sempre esse modelo de escola militarista, de escola que veio para formar trabalhador de chão de fábrica sabe? Reprodutor, faz muito tempo que a gente já tinha que ter saído disso. Eu espero que as pessoas acordem para esse movimento.

7. A instituição em que trabalha possibilita uma atuação voltada para a Educação Integral (no aspecto desenvolvimento, não tempo ampliado)?

Ah totalmente e eu vou explicar por quê, e isso é bem legal que é uma coisa que eu não trouxe ainda. Nós não temos um diretor, nem um coordenador pedagógico. A escola Waldorf é feita por um colegiado de professores. Rudolf Steiner, que é o idealizador da pedagogia Waldorf, ele diz o seguinte: que o grupo de professores deveria ser uma academia republicana de conhecimentos. Então, nós nos reunimos, todas as semanas, mais de uma vez, uma oficialmente, que é uma reunião grande do colegiado, mas fora essa a gente tem 'n' outras. E nós conversamos sobre como nós devemos atuar. Eu não sei como, se isso chega para você assim com a qualidade que eu gostaria que chegasse, mas, ter um diretor, é ter alguém que diga o que você tem que fazer, como você deve falar e agir no mundo. Já tirou a oportunidade de você ser um indivíduo íntegro, você já é um reprodutor. A partir do momento em que, com o meu trabalho, com a forma como eu vou estudando, porque aí eu tenho que estudar bastante, porque é uma academia republicana de conhecimento; todos nós atuamos na formação de todos, então, eu tenho uma responsabilidade muito grande. Então se a gente está lendo um livro juntos e discutindo o conteúdo desse livro, eu preciso me aprofundar nisso, porque quando eu for para o encontro com os demais professores, eu preciso gerar um conteúdo de qualidade, porque o meu colega vai fazer o mesmo por mim. Quando eu vou olhar para a criança, e a gente olha a criança com muita frequência, a gente tem uma metodologia para observação das crianças, que é muito respeitosa e olha ela por diversos âmbitos, todos nós olhamos. Então o colegiado todo para e olha para uma única criança. E o que essa criança tem para me ensinar, para eu poder ser um professor melhor naquilo que eu estou desenvolvendo? Então, essa academia republicana de professores é o que eu acredito hoje. Não consigo mais acreditar em uma metodologia que tem alguém por trás do ser professor. Isso não

significa que você, arbitrariamente faça o que quiser, a gente tem uma metodologia, a gente precisa se aprofundar nela. A gente tem uma filosofia que é a antroposofia, que nos embasa no que a gente faz, então precisa estudar profundamente isso. Então a gente precisa estudar essa época que vai ser dada, eu tive que estudar a taxonomia de novo, tive que olhar para esses bichos todos. Quando eu dei a história de Curitiba, eu precisei mergulhar em toda a história do Brasil para entender porque Curitiba chegou onde ela está. Então tem um caminho enooorme de estudo que é compartilhado nesse grupo e aí as dificuldades são compartilhadas com olhar amoroso, de quem "olha, pera aí, você está passando por isso, eu também já passei, vou te contar"; "Vamos tentar fazer assim juntos? Acho que vai ser muito bom", para você em primeiro lugar, e a criança vai sentir que você fez um movimento de trabalho interno e vai se abrir para uma nova relação, então tudo isso constrói. Então, não acredito mais em nenhum tipo de metodologia em que não haja essa academia republicana por trás sabe? Não sei se ela respondeu tanto a sua pergunta, porque o resto eu já tinha falado, mas isso é uma novidade né? E acho que é uma coisa muito boa. Porque chega uma hora, que a gente acaba divergindo seriamente com a nossa direção. E aí, a minha pergunta é: "E a tua ética?!" Com você primeiro. Você vai ter que dizer uma coisa que você acha que não é verdade... não é muito melhor você trazer isso numa academia republicana de professores em que todos vão discutir esse ponto de vista e você vai ter n pontos de vista para ampliar o seu, do que ter que reproduzir o de alguém?!

Pesquisadora: Meio a ferro e fogo assim, você quer dizer?

Resposta. É! Eu vejo tanto professor sofrido sabe? Sofrido... porque está sendo vendido, a alma vendida, o conhecimento vendido! E nós somos extremamente sensíveis, porque somos professores, então nós não podemos permitir que isso aconteça entende? Então nós temos que ter essa autenticidade, que é fruto de um trabalho coletivo, porque ninguém anda sozinho né? Por isso é uma academia, ela tem que estar muito viva dentro da gente, a gente não pode permitir que ela morra.

8. As normas e leis de nosso país (Brasil) relacionadas à educação contribuem para que a Educação Integral se efetive?

Se você me fizesse essa pergunta tipo há uns...quatro, cinco anos atrás, eu diria que não, porque a gente veio vivenciando um sistema de ensino bem falido. E, tô falando isso a nível de escola pública, principalmente, e das escolas particulares por tradição

sabe "Ah, porque todo mundo faz assim, eu faço assim". Eu cheguei a escutar colegas dizendo isso assim "Não, todo mundo faz assim, por que você vai fazer diferente?" Então realmente tinha isso. Só que tem um movimento acontecendo no Brasil que pode ir, como tudo o que o ser humano faz né, para o bem ou para o mal, que é todo esse estudo da BNCC. Que, por um lado, é tolhedor, então assim "ah, tem que ser assim e aí...puff!", pode ir por esse lado, e vai ser um desastre total, porque de novo, eu acho que é o ser humano criativo, por trás do professor que é capaz de gerir os conhecimentos. Por outro lado, ajuda uma porção de professores que, desculpa, saem da pedagogia muito perdidos. E infelizmente, as nossas academias são só academias. Porque no fundo, não existe nada que te diga "Vá lá, que você está superpreparado", tá preparado coisa nenhuma. Não está preparado nem para estar na frente de uma criança, quem dirá de um grupo de 20, 30. Então, esses professores, precisam de um instrumento sabe, onde se discutam, que conteúdos são importantes, e uma das coisas que me deixou contente nesse processo é ver que tem muito espaço para o trabalho social, pro trabalho anímico, das emoções... está sendo contemplado sabe? Nós, da pedagogia Waldorf, também nos reunimos com os grupos que estão trabalhando os conteúdos da BNCC, a gente vai lá só para atrapalhar eu acho (risos). No bom sentido. A gente vai resolvendo essas questões assim, quando eles falam "Ah, a criança do primeiro ano tem que aprender o que é uma reta". Né, o que é um ponto, o que é uma reta, tal. Ok. Como? Você vai traçar, você vai dar uma régua na mão de uma criança que não sabe nem segurar um lápis? E aí ele vai aprender o que é uma reta? Existe uma outra forma dessa criança aprender o que é uma reta? Talvez seria muito bom que ele entendesse o que é um ser humano reto. Atitudes retas, primeiro. Então a gente vai para essas conversas, eu estou no grupo da matemática. É muito legal às vezes, quando o pessoal traz uns olhares sobre a matemática que é muito só do cálculo sabe e não da construção do raciocínio. Então quando a gente trás, por exemplo, uma atividade artística que faz com que a criança construa aquele raciocínio matemático, a gente deixa os professores todos meio malucos lá, mas essa conversa, ela é boa, eu acho que instigou os professores a darem uma acordada para tudo isso.

Pesquisadora: Onde são essas reuniões?

Resposta: São reuniões que envolvem o Brasil inteiro. Esse ano foram todas online. Mas tem congressos. Ano passado eu participei de um congresso de matemática Waldorf e a gente teve uma tarde que a gente só tratou da BNCC. Olhou o que estava

sendo desenhado, passou para os nossos representantes da pedagogia Waldorf que estão nos grupos de estudo e eles levam lá o conteúdo daquilo que a gente trouxe de observação e a gente sente que de vez em quando, uma pérola nossa está contemplada lá. A gente se sente feliz por isso também, porque, pra que a gente vai fazer uma pedagogia só para dentro dos nossos próprios muros né? Não faz o menor sentido isso, em nada na vida faz sentido fazer só dentro da caixinha. Então isso acontece de fato e eu vejo que existe, nos grupos que elaboram, porque ela está em fase de elaboração né? Uma boa vontade de escutar os professores. Só que o problema no nosso país é que as coisas esbarram num lugar político muito complexo, que é assim "Ok, isso tudo vai ajudar, que a criança consiga organizar melhor o seu pensamento. E será que isso é tão importante?". Porque a gente não pode também, achar que essa pandemia toda e o fechamento das escolas, foi por uma questão de saúde. Porque não foi. Enfim, foi um ato político, de uma politicagem suja e mesquinha, que a gente tem no nosso país, que usa para os seus próprios interesses. Por pessoas que tiveram uma educação, desculpa, pobre, que não desenvolveu esse ser humano integral e por isso não conseguem ser bons governantes. Então eles podem usar, por exemplo, essa BNCC, quando esse documento for finalizado, como uma lei. "Olha, então você vai cumprir exatamente como está aqui, porque se não, não vale". E o Steiner sempre dizia que a escola nunca deveria estar submetida ao Estado, nunca. E a escola, ela é do livre pensar, ela não está na esfera econômica e nem na esfera jurídica, ela está no âmbito da liberdade. Então, toda educação e toda forma de cultura precisa ser livre para ser verdadeira, para ser íntegra. E nós não temos conseguido isso aqui, ainda, até porque, nós não conseguimos formar seres humanos integrais, nós conseguimos formar seres humanos reprodutores porque nós mesmos somos assim. Então sai um círculo, um ciclo vicioso que não acaba nunca. E, eu tenho para mim muito forte, que o único jeito de se quebrar isso, é os professores tomando conta do seu valor, sabendo, nós estamos na era da consciência, pelo amor de Deus, nós não podemos mais permitir essa educação que veio caminhando até aqui, então a minha oportunidade de BNCC não é dizer assim, "Ah! O que será que a gente vai ter que fazer agora, que eles estão fazendo?". É dizer, então tá, eu vou ocupar esse lugar, eu vou entrar num grupo, eu quero participar das discussões, eu vou contribuir; e vou receber contribuições, e isso vai me fazer rico. Mas, como a gente recebe por outro lado, e não justifica, mas existe esse lado econômico né, tão desvalorizado da profissão, nós temos cada vez menos professores interessados em

se desenvolverem integralmente, porque é muito trabalhoso e caro fazer isso, é muito caro a gente se auto educar. Você quer aprender uma pintura, você tem que comprar um giz, sabe? Tudo envolve isso e a gente não tem esse recurso né? Então, por um lado, você vê aí professores, na linha de frente, cansados, desestimulados, sem valor, sem reconhecimento. E como você vai conseguir injetar neles esse olhar que eu estou trazendo para você, se você verdadeiramente não acreditar nisso, nessa educação. O que o estado deveria fazer é assim: 'Eu vou subsidiar a educação.', como acontece em muitos países, mas quem decide, são as escolas, são os seus corpos de professores, são os seus colegiados que fazem isso, porque nós confiamos nas pessoas que nós mesmos formamos. É um contrassenso! E aí, você vê toda aquela história que a gente teve há um tempo atrás, de filmar as aulas da gente né, da censura, e você pergunta assim: "Por que que as pessoas estão fazendo isso né?" Porque elas não tiveram a chance de se desenvolver integralmente. Se não elas teriam capacidade plena de contextualizar. Cada coisa que elas aprendiam com consciência, no mínimo consciência, quem dirá emoção do amor e do vínculo com tudo isso né? Sei lá. É uma complexidade esse cenário que a gente está tateando aí nas tuas perguntas, e se a gente continuar indo nele, mais ou menos até amanhã a gente chega em algumas conclusões. Porque a gente só consegue pincelar aqui, alguma coisa juntas né?

Pesquisadora: Sim, com certeza. É um assunto realmente inesgotável, não é? Porque uma coisa amplia para a outra, se complementam e são tantos problemas para discutir, mas também tantas alternativas, então realmente...

Resposta: E ao mesmo tempo, é uma coisa de você tomar decisão né? Sair de cima do muro sabe? Eu acredito nisso assim sabe, que se um professor, não importa o tempo de carreira que tenha, o valor que receba, a situação miserável de seu país, se ele toma essa decisão, nossa, ele é uma luz e uma força impressionante. Inesgotável. A gente tem um vídeo, se você quiser assistir depois eu posso recomendar para você, que é sobre os 100 anos da pedagogia Waldorf e tem cenas da pedagogia Waldorf no Brasil inteiro. E nesse vídeo tem um professor, que fez uma pedagogia chamada pedagogia do lixão. Ele atende uma comunidade que atua no lixo, que as crianças estão lá, os pais são os catadores... E ele retira do lixo todo o material pedagógico. É incrível. As crianças vão lá no meio, onde ele conseguiu fazer umas mesas com umas tábuas e tal, mas as crianças ficam super envolvidas. Se você ver a cena dele, dando aula ali no lixão, você diz "Nossa, que fantástico! O que esse ser humano foi capaz,

no âmbito da vontade.". E acho que a grande perda das escolas hoje, é não atuar na vontade e a gente forma seres humanos apáticos. É uma grande preocupação minha também.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Profª Drª Tania Stoltz e Liana Bollbuck, pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando docentes que atuam (ou atuaram) como professores em classes do Ensino Fundamental e Ensino Médio, a participar de um estudo intitulado "Repensando a educação integral: desafios e possibilidades". O estudo é importante por contribuir com o reconhecimento das alternativas contemporâneas de trabalho com a educação integral e as possíveis dificuldades implicadas nesse processo.

- a) O objetivo desta pesquisa é reconhecer as alternativas contemporâneas de trabalho com a educação integral e verificar a percepção de professores sobre essas propostas de ensino e quais as possíveis dificuldades implicadas nesse processo.
- b) Caso você participe da pesquisa, será necessário responder a um questionário com 4 (quatro) perguntas fechadas e 8 (oito) abertas, a ser enviado por e-mail ou What's Up. As respostas dos questionários serão registradas e arquivadas digitalmente e não serão divulgadas. Caso a opção seja por entrevista, esta poderá ser gravada e transcrita posteriormente, em documento que também ficará devidamente arquivado, garantindo o anonimato dos entrevistados.
- c) Devido ao momento de pandemia que estamos vivendo e à recomendação de distanciamento social devido às medidas de segurança relacionadas ao Covid-19, a entrevista poderá ocorrer por telefone ou videoconferência e será agendada em dia e horário de maior conveniência ao/à entrevistado(a).
- d) A entrevista acontecerá como uma conversa e caso o professor sinta algum desconforto como timidez ou inibição, terá a liberdade de interromper a entrevista ou de não responder a alguma pergunta do questionário, se assim preferir, sem nenhum prejuízo.

Jamais serão revelados nomes, ou divulgados os áudios ou transcrições de entrevista ou questionário, mesmo que parcialmente.

- e) Os benefícios esperados com essa pesquisa são: o reconhecimento das alternativas contemporâneas de trabalho com a educação integral bem como a identificação das dificuldades para aplicar essa metodologia de ensino, e a possibilidade de superar os desafios, a fim de contribuir para o pleno desenvolvimento dos estudantes.
- f) Eu, Tania Stoltz, pesquisadora em Educação, Professora Doutora da Universidade Federal do Paraná e Liana Bollbuck, estudante vinculada ao Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, seremos as responsáveis pela pesquisa e demais informações. Poderemos esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter todas as quartas-feiras, das 14 às 17 horas pelos telefones (41) 99932-6200 e (41) 99932-0037 e nos demais dias pelos e-mails: tania.stoltz795@gmail.com, lianabollbuck@gmail.com, as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

- g) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- h) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas apenas pela pesquisadora e pelo seu orientador. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação científica, o nome do participante não será revelado e sim substituído por um código ou nome fictício, respeitando-se completamente o seu anonimato.
- i) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.

Obrigada pela colaboração.

Eu, _____ li o Termo de Consentimento acima, ou alguém leu para mim, e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta resulte em qualquer prejuízo para mim. Fui informado(a) e entendi que a minha participação na pesquisa não acarretará em nenhum momento qualquer custo para mim e/ou minha família.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, ____ de _____ de 2020.

(Assinatura do Participante da pesquisa)

(Assinatura do Pesquisador)